



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIDADE ACADÊMICA DE DESIGN
MESTRADO ACADÊMICO EM DESIGN**

VIVIANE RAMOS DE AZEVÊDO

**ANÁLISE VISUAL DO MOBILIÁRIO URBANO INFANTIL: O CASO DO PARQUE
DA CRIANÇA DE CAMPINA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE-PB

2022

VIVIANE RAMOS DE AZEVÊDO

**ANÁLISE VISUAL DO MOBILIÁRIO URBANO INFANTIL: O CASO DO PARQUE
DA CRIANÇA DE CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Design.

Linha de Pesquisa: Ergonomia, ambiente e processos

Orientadora: Profa. Dra. Isis Tatiane de Barros Macedo Veloso

CAMPINA GRANDE-PB

2022

A994a

Azevêdo, Viviane Ramos de.

Análise visual do mobiliário urbano infantil: o caso do parque da criança de Campina Grande-PB / Viviane Ramos de Azevêdo. - Campina Grande, 2022.

105f. : il. Color

Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2022.

"Orientação: Profª. Drª. Isis Tatiane de Barros Macedo Veloso".

Referências.

1. Design Urbano. 2. Parque. 3. Análise Visual. 4. Espaços Livres. 5. Crianças. I. Veloso, Isis Tatiane de Barros Macedo. II. Título.

CDU 7.05:911.375.5(043)

VIVIANE RAMOS DE AZEVÊDO

**ANÁLISE VISUAL DO MOBILIÁRIO URBANO INFANTIL: O CASO DO PARQUE
DA CRIANÇA DE CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Design.

Dissertação defendida e aprovada em 03 de março de 2022.

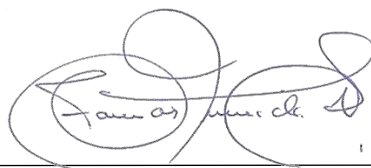
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Isis Tatiane de Barros Macedo Veloso

Presidente da Comissão e Orientadora

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva

Membro Interno

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Profa. Dra. Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa

Membro Externo

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Dedico este trabalho a todos os utilizadores dos espaços e mobiliários infantis do Parque da Criança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder essa oportunidade me conferindo saúde e sabedoria para exercer com exímio as atividades da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande por oferecer todo o suporte necessário para realização do estudo, por cada aula, instrução e dúvidas esclarecidas.

A minha orientadora Isis Tatiane por acreditar no potencial do meu trabalho me oferecendo todo seu apoio ao longo desses dois anos de estudo.

A professora Ana Carolina e ao professor Itamar por agregarem orientações valiosas à pesquisa contribuindo com diferentes pontos de vista do Design cada um dentro de sua expertise.

A minha mãe Temira por todo seu incentivo ao longo da minha trajetória acadêmica e por ser a razão pela qual não me faz desistir de continuar tentando alcançar meus objetivos. Ao meu esposo Ricardo pelo seu suporte diário por sempre acreditar nos meus sonhos e me encorajar a conquistá-los.

Ao meu primo Vinícius por me acompanhar e auxiliar durante a pesquisa de campo e aos demais familiares e amigos por tornar esse tempo de dedicação aos estudos muito mais fácil.

“Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito,
então ele pode ser reimaginado e refeito.”

David Harvey

AZEVÊDO, Viviane Ramos de. **Análise visual do mobiliário urbano infantil: o caso do Parque da Criança de Campina Grande-PB**. 2022. 105f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.

RESUMO

Espaços livres qualificados que satisfazem as necessidades de seus usuários influenciam positivamente o bem-estar dos indivíduos e, a longo prazo, contribuem com a sua qualidade de vida. De maneira oposta, aqueles que não atendem às preferências de seus utilizadores afetam negativamente o comportamento humano, influenciando para a não utilização destes, e tornando-os subutilizados. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo investigar as relações de uso e apropriação dos usuários (crianças e seus acompanhantes) pelo espaço livre e mobiliário destinado ao público infantil de um parque urbano localizado na cidade de Campina Grande -PB. Para a compreensão desses elementos, o trabalho foi dividido em duas etapas, a primeira etapa corresponde à análise visual urbana através da aplicação das ferramentas de visão serial, mapa mental e mapa psicogeográfico. A segunda etapa corresponde à análise visual do design através de ferramentas de categorias funcionais, de comunicação e investigação. Os resultados da pesquisa apontam que apesar dos problemas identificados, relacionados ao déficit de mobiliários urbanos, interferência externa e interna de adultos, preferência por horários, composição visual desordenada e qualificação superficial, existe apropriação efetiva e satisfatória dos espaços e mobiliários urbanos infantis. Os fatores identificados para uma boa avaliação de uso e apropriação contribuem como aspectos a serem utilizados para melhorar a qualidade das demais áreas da cidade. Conclui-se, portanto, que o Parque da Criança promove aos seus utilizadores oportunidades de lazer e recreação infantil no âmbito dos espaços livres públicos urbanos e que os mobiliários que os constituem atuam diretamente como atrativos, estimulando a vivência da cidade.

Palavras-chave: Análise visual. Design urbano. Espaços livres. Parque. Crianças.

AZEVÊDO, Viviane Ramos de. **Visual analysis of children's urban furniture: the case of Parque da Criança in Campina Grande-PB.** 2022. 105f. Dissertation (Master in Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.

ABSTRACT

Qualified open spaces that satisfy the needs of their users positively influence the well-being of individuals and in the long term contribute to their quality of life. Conversely, those that do not meet the preferences of their users negatively affect human behavior, influencing their non-use, making them underutilized. In this context, the research aims to investigate the relationship of use and appropriation of users (children and their companions) for free space and furniture for children in an urban park located in the city of Campina Grande-PB. To understand these elements, the work was divided into two stages, the first stage corresponds to the urban visual analysis through the application of serial vision tools, mental map and psychogeographic map. The second stage corresponds to the visual analysis of the design through functional category, communication and investigation tools. The research results indicate that despite the problems identified related to the deficit of urban furniture, external and internal interference by adults, time preference, disordered visual composition and superficial qualification, there is an effective and satisfactory appropriation of spaces and children's urban furniture. The factors identified for a good evaluation of use and appropriation contribute as aspects to be used to improve the quality of other areas of the city. Therefore, it is concluded that the Parque da Criança provides its users with opportunities for leisure and children's recreation within the scope of urban public open spaces and that the furniture that constitutes them acts directly as attractions, stimulating the experience of the city.

Keywords: Visual analysis. Urban design. Free spaces. Park. Children.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipos de mobiliário urbano infantil.....	17
Figura 2: Entrada principal do Parque da Criança.....	18
Figura 3: Localização dos setores do parque com mobiliário urbano infantil.	19
Figura 4: Antes e depois de playground local da cidade de Tirana.	26
Figura 5: Caracterização da pesquisa.....	38
Figura 6: Metodologia utilizada.....	39
Figura 7: Visão serial do setor 1 ponto 1.....	40
Figura 8: Mapa mental síntese da extensão da orla.....	41
Figura 9: Mapa psicogeográfico de ocupação dos pedestres durante o dia.	42
Figura 10: Setorização do Parque da Criança.....	44
Figura 11: Pontos de vista do Parque da Criança.....	45
Figura 12: Indicação dos pontos de vista do setor 1.	46
Figura 13: Pontos de vista do setor 1.....	46
Figura 14: Indicação dos pontos de vista do setor 2.	47
Figura 15: Pontos de vista do setor 2.....	47
Figura 16: Indicação dos pontos de vista do setor 3.	48
Figura 17: Pontos de vista do setor 3.....	48
Figura 18: Indicação dos pontos de vista do setor 4.	49
Figura 19: Pontos de vista do setor 4.....	49
Figura 20: Indicação dos pontos de vista do setor 5.	51
Figura 21: Pontos de vista do setor 5.....	51
Figura 22: Indicação dos pontos de vista do setor 6.	52
Figura 23: Pontos de vista do setor 6.....	52
Figura 24: Indicação dos pontos de vista do setor 7.	53
Figura 25: Pontos de vista do setor 7.....	54
Figura 26: Indicação dos pontos de vista do setor 8.	55
Figura 27: Pontos de vista do setor 8.....	55
Figura 28: Principais locais do parque com base em sua função espacial.	57
Figura 29: Principais locais do parque com base em sua função espacial frequentados pelo público infantil.....	62
Figura 30: Mobiliários urbanos do primeiro playground.....	63
Figura 31: Mobiliários urbanos do segundo playground.....	64

Figura 32: Mobiliários urbanos do terceiro playground.....	64
Figura 33: Mobiliários urbanos das demais áreas do parque que são utilizados pelo público infantil.....	66
Figura 34: Esquema de ocupação do primeiro playground durante a semana no período da manhã.	68
Figura 35: Esquema de ocupação do primeiro playground durante a semana no período da tarde.	70
Figura 36: Esquema de ocupação do primeiro playground durante o final de semana no período da manhã.	72
Figura 37: Esquema de ocupação do primeiro playground durante o final de semana no período da tarde.	74
Figura 38: Esquema de ocupação do segundo playground durante a semana no período da manhã.	75
Figura 39: Esquema de ocupação do segundo playground durante a semana no período da tarde.	77
Figura 40: Esquema de ocupação do segundo playground durante o final de semana no período da manhã.	78
Figura 41: Esquema de ocupação do segundo playground durante o final de semana no período da tarde.	80
Figura 42: Esquema de ocupação do terceiro playground durante a semana no período da manhã.	81
Figura 43: Esquema de ocupação do terceiro playground durante a semana no período da tarde.	83
Figura 44: Esquema de ocupação do terceiro playground durante o final de semana no período da manhã.	85
Figura 45: Esquema de ocupação do terceiro playground durante o final de semana no período da tarde.	86
Figura 46: Registro inicial do primeiro playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	87
Figura 47: Registro inicial do primeiro playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	87
Figura 48: Registro inicial do segundo playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	88

Figura 49: Registro inicial do segundo playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	88
Figura 50: Registro inicial do terceiro playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	89
Figura 51: Registro inicial do terceiro playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.	89
Figura 52: Orientação da forma dos playgrounds.	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos mobiliários urbanos por categorias e subcategorias....	31
Quadro 2: Características dos três playgrounds.	65
Quadro 3: Dimensões estéticas dos mobiliários dos playgrounds.	91

LISTA DE SIGLAS

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR – Norma Brasileira
OMS – Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS	19
1.1.1 Objetivo Geral	19
1.1.2. Objetivos específicos.....	19
1.2 JUSTIFICATIVA	20
1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	21
2. REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 Espaços livres urbanos	22
2.1.1 O parque urbano	23
2.1.2 Bem-estar e qualidade de vida no ambiente	24
2.1.3 Cidades saudáveis para crianças.....	25
2.2 O protagonismo infantil.....	26
2.2.1 A escala das crianças.....	27
2.3 Design urbano	28
2.3.1 Mobiliário urbano.....	30
2.4 Análise visual do espaço.....	32
2.4.1 Percepção ambiental.....	34
2.4.2 Relação pessoa, ambiente e produto	35
3. METODOLOGIA.....	37
3.1 Caracterização da pesquisa	37
3. 2 Métodos e técnicas	38
3.3 Análise visual	39
3.3.1 Ferramentas para análise visual da forma urbana	40
3.3.1.1 Visão serial.....	40
3.3.1.2 Mapa mental.....	40
3.3.1.3 Mapa psicogeográfico	41
3.3.2 Ferramentas para análise visual da forma no design.....	42
3.3.2.1 Categorias funcionais	42
3.3.2.2 Categorias de comunicação	43
3.3.2.3 Categorias de investigação	43
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
4.1 Análise visual da forma urbana	44
4.1.1. Visão serial.....	44
4.1.2. Mapa mental.....	56
4.1.3. Mapa psicogeográfico	66
4.2 Análise visual da forma no design.....	90

4.2.1. Categorias funcionais	90
4.2.2. Categorias de comunicação	92
4.2.3. Categorias de investigação	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
5.1 Sugestões para trabalhos futuros.....	98
5.2 Sugestões direcionadas para outras áreas da cidade.....	99
6. REFERÊNCIAS.....	100

1. INTRODUÇÃO

A estimativa percentual de crianças no ano de 2018 corresponde à cerca de 17,1% do total da população brasileira, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa informação evidencia que as crianças representam uma parcela significativa da sociedade. Uma vez que ocupam os espaços urbanos, estes, portanto, devem ser acessíveis para atender às suas necessidades, assim como às de todos os usuários.

Vivenciar as cidades e usufruir de seus benefícios não é exclusivo aos demais grupos geracionais ¹ (jovens, adultos e idosos), as crianças também podem exercer esse direito fundamental. De acordo com Vieira et al. (2021), propostas que buscam a participação das crianças nas cidades levam em consideração as possibilidades educativas atribuídas ao espaço. As crianças são capazes de recriar e produzir novos significados à sua realidade, através do ato de brincar nos diferentes ambientes urbanos. Dentre os quais destacam-se os parques urbanos como espaços facilitadores para tal ação.

Os parques urbanos são espaços livres públicos que objetivam propiciar qualidade de vida para a população. Conforme Araújo e Barreto (2020), contribuem com o lazer, recreação e contemplação da natureza, além de favorecer a interação entre as pessoas. A presença de elementos naturais nos parques contribui com o desenvolvimento das crianças, aumenta as oportunidades recreativas e estimula a prática de atividades físicas (MACHADO et al., 2016).

O mobiliário urbano compõe a paisagem urbana e contribui com a qualificação dos ambientes. Integra a memória coletiva de uma determinada sociedade por meio da interação pública e pode apresentar valor histórico (MIRANDA, 2020). Atua ainda, com o papel subjetivo de estimular as práticas sociais nos ambientes no qual são inseridos, promovendo a utilização destes pelo público geral (GERMER, 2021).

O mobiliário urbano destinado exclusivamente ao público infantil, através dos diferentes tipos de brincadeiras que os produtos proporcionam, auxilia na promoção

¹ Define-se “geracional” como “particular de uma geração, de um espaço de tempo demarcado” (GERACIONAL, 2022), e o termo “geração” como “Um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural” (FORQUIN, 2003, p.3). Desse modo, entende-se que um grupo geracional corresponde ao conjunto de pessoas de uma mesma geração.

de habilidades das crianças pelo ato de brincar (VIEIRA, 2018). Na Figura 1, observam-se alguns brinquedos utilizados no meio urbano que correspondem aos seguintes produtos, respectivamente: balanço, balanço vai e vem, escorregador, carrossel, gangorra, trepa-trepa, carrossel com encosto e multifuncionais.

Figura 1: Tipos de mobiliário urbano infantil.



Fonte: Adaptado de (MOBILEBRAS, 2021).

No entanto, existem ainda, parques urbanos com espaços destinados especificamente ao público infantil que não proporcionam condições totalmente favoráveis ao uso e conseqüentemente não atendem às preferências das crianças e de seus acompanhantes. Considera-se, portanto, que aqueles ambientes que não atendem às necessidades dos seus usuários comprometem negativamente o seu bem-estar e influenciam diretamente no comportamento dos indivíduos (SILVA; ELALI, 2015). Faz-se necessário o estudo aprofundado da relação pessoa, ambiente e produto para compreender os aspectos indispensáveis para apropriação efetiva do meio por seus utentes.

Nesse contexto, a pesquisa pretende avaliar como ocorrem as relações de uso e de apropriação dos usuários com os espaços e mobiliários infantis do Parque da Criança durante a realização de suas atividades, assim como as interações entre os indivíduos. O Parque da Criança está localizado na cidade de Campina Grande-PB no bairro do Catolé, próximo às margens do Açude Velho, principal ponto turístico da cidade. Foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1993, na gestão do prefeito Félix Araújo Filho (1993-1997), intencionalmente na data em que se é celebrado o Dia das Crianças. Sua entrada principal pode ser observada na Figura 2.

Figura 2: Entrada principal do Parque da Criança.



Fonte: a autora – 16/05/2021.

Consta de uma extensa área de lazer destinada à população, com estacionamento, pista de mountain bike, quadras poliesportivas, lanchonetes, campos de areia, pista de caminhada e corrida, playgrounds e outros espaços livres de convívio. No decorrer do tempo, passou por intervenções pontuais em sua paisagem, particularmente no que diz respeito à arborização, mobiliários e equipamentos urbanos. Na Figura 3, observa-se a localização dos três setores do parque denominados de playground, os quais apresentam mobiliários urbanos específicos

para o público infantil em sua composição e que serão os espaços analisados na presente pesquisa.

Figura 3: Localização dos setores do parque com mobiliário urbano infantil.



Fonte: Adaptado de Google Earth – 12/10/2021.

O desenvolvimento do estudo dos setores infantis do parque será realizado por meio de uma análise visual dividida em duas etapas. A primeira correspondente à análise visual da forma urbana e a segunda correspondente à análise visual da forma do design. Ambas para responder a seguinte questão de pesquisa: O Parque da Criança está situado em uma área privilegiada da cidade, próximo a outras áreas de lazer, com fluxo considerável de pessoas. É um lugar de passagem e permanência. Porém, os usuários que o transitam interagem com o espaço infantil de forma satisfatória, se apropriando dele?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar a relação de uso e de apropriação dos usuários com os espaços de playground e mobiliários infantis do Parque da Criança em Campina Grande-PB.

1.1.2. Objetivos específicos

Procura ainda como objetivos específicos,

- compreender os elementos que compõem a paisagem urbana do parque.
- identificar a apropriação do espaço urbano infantil do parque por seus utilizadores a partir das atividades que nela são desenvolvidas.
- identificar os mobiliários urbanos do parque que são utilizados por crianças e seus acompanhantes.
- investigar os atributos que o mobiliário urbano infantil exerce para construção da paisagem do parque.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa para o estudo dá-se em razão dos benefícios que ambientes e produtos urbanos qualificados podem proporcionar à vida de seus utilizadores, abrangendo em seu escopo questões sociais, econômicas, ambientais e locais, relacionadas às áreas do conhecimento específico do Urbanismo e do Design.

O design urbano² pode proporcionar várias vantagens aos seus usuários quando atendem às demandas de suas necessidades. Além de contribuir com a qualificação dos ambientes urbanos no qual são inseridos, estimulando seu ordenamento, utilização e apropriação, permitem a interação social entre os indivíduos e integram a memória coletiva da sociedade colaborando com a construção identitária dos espaços. Aqueles destinados especificamente ao público infantil, contribuem ainda com o desenvolvimento das crianças por possibilitar diferentes tipos de brincadeiras.

A correlação das áreas do Urbanismo³ e do Design ocorre para plena compreensão do ambiente urbano estudado e dos produtos urbanos que os constitui. A integração dos diferentes aspectos teóricos que tangem essas duas distintas áreas do conhecimento permite a exploração do estudo de caso desde as suas particularidades do design urbano ao espaço urbano. Devido a reciprocidade de problemas tratados entre si, devem ser discutidos de forma unificada como componentes de uma unidade de sistema totalmente interligados que apresentam a

² Dentre as diferentes abordagens existentes para designar o “design urbano”, destaca-se um dos cinco preceitos distintivos estabelecidos por Brandão (2005, p.118), Entre o objeto e a cidade, o qual corresponde a relação do objeto (mobiliário urbano) com o espaço (estruturas naturais ou viárias).

³ Define-se o “Urbanismo” como “O estudo das relações entre determinada sociedade (cultura, tradição, poder, história, ...) e o espaço que a abriga (ruas, construções, limitações geográficas, ...), bem como das formas de sua organização e intervenção sobre elas com determinado objetivo” (GONÇALVES JR et al., 2017).

capacidade de interferir diretamente nas relações de interação, uso e apropriação dos usuários com o meio que os envolve.

A razão social, econômica e ambiental compreendidos na pesquisa advém devido aos possíveis contributos que os parques urbanos e seus diferentes constituintes podem exercer à população local quando cumprem com excelência suas funções sociais, econômicas e ambientais, com o intuito de ampliar o desenvolvimento do bem-estar e qualidade de vida de seus usuários e o atendimento real de suas necessidades. O cumprimento dessas funções refere-se principalmente aos seguintes aspectos: lazer, recreação, esporte, convivência, cultura, educação, saúde, segurança, contemplação da natureza, trabalho informal, comércio local, prestação de serviços, proteção e preservação do ambiente natural.

A escolha do local para o estudo se deu devido a importância do Parque da Criança para a cidade, como um lugar de construção de memórias afetivas, que permite o uso diversificado de atividades que incluem espaços e mobiliários destinados especificamente ao público infantil, considerando suas diferentes faixas etárias, que estão setorizados em diferentes áreas do parque. Além disso, a localização privilegiada próxima ao centro da cidade e a outras áreas de lazer possibilita uma maior circulação de pessoas com frequência em diferentes horários do dia e em diferentes dias da semana, o que possibilita uma maior compreensão das variáveis investigadas.

1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O objeto de estudo da pesquisa caracteriza-se pela relação pessoa, ambiente e produto. O recorte do estudo corresponde a três áreas específicas com seus respectivos mobiliários urbanos destinados ao público infantil do Parque da Criança, localizado no bairro do Catolé próximo ao centro da cidade de Campina Grande-PB.

O foco do estudo é analisar as relações de uso e a apropriação que ocorrem entre os usuários (crianças e seus cuidadores) com os espaços livres e mobiliários urbanos infantis do parque. Os mobiliários selecionados para análise e discussão que constituem os ambientes de estudo são: Gangorra, multifuncional, carrossel, minicidade, banco, quiosque e lixeira. O artefato refere-se ao ambiente (espaço urbano infantil) e ao produto (mobiliário urbano infantil).

2. REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo apresenta as principais referências utilizadas para o estudo da relação dos usuários com os espaços e produtos urbanos de uso infantil, por meio da investigação de aspectos dos espaços livres urbanos de uso coletivo, o protagonismo infantil, o design urbano e a análise visual do ambiente e do objeto.

2.1 Espaços livres urbanos

As cidades possuem espaços edificados e espaços livres de edificação. Os espaços livres de edificação podem ser públicos ou privados e são associados a diversas funções. O conceito do termo espaços livres é bastante amplo, Magnoli (2006) aborda a temática de espaços livres de edificação como todo espaço e luz nas áreas urbanas e em seu entorno que não estão cobertos por edifícios, definindo espaços livres como “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso)”.

Macedo (1995) define espaços livres como todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios. Considerando espaços livres no âmbito urbano, todas as ruas, praças, largos, pátios, quintais, parques, jardins, terrenos baldios, corredores externos, vilas, vielas e outros mais por onde as pessoas circulam. Devido a diversidade de tipos de espaços livres existe a possibilidade de classificação. Segundo análise realizada em algumas cidades brasileiras os tipos de espaços livres públicos podem ser enquadrados nos três seguintes padrões: 1) circulação, convívio, lazer e recreação; 2) preservação ou conservação ambiental e 3) usos específicos (CUSTÓDIO et al., 2011).

Os espaços livres públicos são considerados de uso comum e de propriedade pública, podendo ser abertos e de livre acesso ao público. Como exemplos de espaços livres públicos temos: vias de circulação, praças, parques e praias. E os espaços privados pertencem a uma pessoa física ou instituição, podendo ser abertos ou não ao uso do público. Como exemplo de espaços livres privados temos: quintais residenciais, pátios escolares, campos de futebol particulares e áreas de lazer de condomínios. Os espaços livres públicos e privados contribuem com melhoria do ambiente e exercem funções ecológicas, sociais e estéticas. A função ecológica pela presença de vegetação e solo não impermeabilizado, a função social pelo convívio

em comunidade e lazer e a função estética pela diversidade da paisagem construída e o embelezamento da cidade (HANNES, 2016).

O espaço livre contribui com a melhoria da qualidade de vida, pela presença de espaços de lazer, interação social, contemplação da paisagem e preservação ambiental. Nele se desenvolvem diversas práticas sociais, que se diferenciam de acordo com o local e o momento histórico, dentro do seu contexto urbano são capazes de revelar a cultura e os costumes de seus habitantes. Sua vitalidade está diretamente relacionada à constante apropriação do espaço por seus utilizadores. Nesse contexto, o parque se constitui como um espaço livre público fundamental para promoção da vida pública nas cidades e bem-estar dos seus usuários (ROSANELI et al., 2016).

2.1.1 O parque urbano

Os parques surgem na era industrial para atender às novas demandas da população urbana, de acordo com Macedo e Sakata (2010) são considerados como:

“Todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno” (p.14).

Proporcionam benefícios ao bem-estar da população (ARAÚJO; BARRETO, 2020), e são percebidos como espaços destinados especificamente ao lazer, à recreação, ao descanso e a conexão com a natureza. Que podem abranger funções sociais, econômicas, culturais, ambientais, psicológicas, ecológicas e entre outras mais (BOVO; AYRES, 2018).

Consideram-se, portanto, os parques urbanos como espaços livres públicos aptos a assumir diferentes funções, dentre as quais destaca-se as sociais, comerciais, culturais, recreativas, esportivas e de lazer. Constituindo-se como um espaço público por excelência, possibilitando não apenas a relação entre indivíduos, mas também a relação com o próprio lugar. Atuando diretamente na promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida de seus usuários. Segundo (MENESES et al., 2021), o parque urbano contribui ainda com a efetividade do conceito de cidade sustentável, por apresentar áreas verdes, capazes de melhorar aspectos estéticos, ambientais e sociais da cidade.

2.1.2 Bem-estar e qualidade de vida no ambiente

A Organização Mundial da Saúde (OMS), define saúde em termos de bem-estar físico, mental e social, opondo-se à definição anterior de saúde como a ausência de doença. As duas principais abordagens do bem-estar são organizadas na perspectiva hedônica e eudaimônica. A perspectiva hedônica aborda o bem-estar subjetivo que se refere à felicidade e à satisfação com a vida. A perspectiva eudaimônica aborda o bem-estar psicológico que se refere às potencialidades humanas e à busca por autorrealização. O bem-estar subjetivo mede um estado momentâneo, destacam-se as dimensões de afetos positivos e negativos, e o bem-estar psicológico mede um estado duradouro, das características pessoais que são mais estáveis no tempo (SANTANA; GONDIM, 2016). Dentre essas duas abordagens, destaca-se a perspectiva do bem-estar subjetivo, para tratar da satisfação do indivíduo com o meio no qual for inserido, identificando se as particularidades dos ambientes afetam positivamente ou negativamente os seus usuários.

A saúde e bem-estar são influenciados por fatores genéticos, comportamentais e ambientais. O ambiente no qual determinado indivíduo for inserido afeta diretamente o seu bem-estar e, a longo prazo, pode influenciar em sua qualidade de vida, podendo facilitar ou dificultar as escolhas, comportamentos e ações (ARAUJO; VILLA, 2020). Os ambientes que não atendem às necessidades dos usuários comprometem negativamente o seu bem-estar e influenciam no comportamento humano podendo ser a diferença entre a dependência e independência do usuário, principalmente quando levamos em consideração a característica de redução de competências que ocorre durante o processo de envelhecimento (SILVA; ELALI, 2015).

A temática do ambiente urbano como promotor de saúde envolve a contribuição de diversas áreas do conhecimento para concretizar os anseios coletivos de uma cidade. Procura elucidar aspectos relevantes no ambiente que possam contribuir para o desenvolvimento de um espaço saudável (SPERANDIO et al., 2015). A Cidade Saudável é uma estratégia para promover saúde com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população. Segundo Hancock (1993), uma Cidade Saudável busca constantemente criar e melhorar ambientes físicos e sociais. Consolidando recursos comunitários com objetivo de melhorar a qualidade de vida (WESTPHAL; MENDES, 2000).

A qualidade de vida de uma população é influenciada por suas condições de existência e pelo seu acesso a bens e serviços. O conceito de qualidade de vida e saúde são próximos, a saúde é considerada um produto social, resultante de processos biológicos, ecológicos, culturais e econômico-sociais, que são capazes de revelar a qualidade de vida de uma determinada população (ADRIANO et al., 2000).

2.1.3 Cidades saudáveis para crianças

Considerando a importância de cidades saudáveis que atendam aos interesses de crianças e de seus cuidadores, o prefeito da cidade de Tirana na Albânia, Erion Veliaj (2015-2019), elaborou em sua primeira gestão um plano em parceria com a iniciativa privada e especialistas internacionais para construir rapidamente parques, playgrounds, creches, escolas e espaços de pedestre que solucionassem os problemas vigentes na região (KURIS, 2019, tradução nossa).

As transformações realizadas na cidade através de políticas públicas urbanas amigas das crianças foi uma estratégia utilizada pelo prefeito para formar uma nova geração com melhor qualidade de vida, proporcionando conseqüentemente uma relação positiva com a cidade e com seu governo. Para o prefeito, as políticas voltadas para o público infantil não restringem seus benefícios exclusivamente às crianças, mas contribuem também com os demais integrantes da sociedade (KURIS, 2019, tradução nossa).

Dentre as intervenções realizadas na cidade observa-se, na Figura 4, a revitalização de um playground que estava sendo utilizado informalmente como estacionamento. Percebe-se que a intervenção no espaço através de implementação de mobiliários urbanos infantis contribuiu efetivamente com o uso e a apropriação do local, que até então não exercia nenhuma função social para comunidade.

Figura 4: Antes e depois de playground local da cidade de Tirana.



Fonte: (KURIS, 2019).

2.2 O protagonismo infantil

A lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências, considera como criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos. Afirma ainda no artigo 4, que é atribuição da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar, os direitos fundamentais da criança referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A infância corresponde ao período da vida das crianças. Esta, é marcada por diferentes etapas que decorrem do desenvolvimento dos indivíduos atribuído a cada idade cronológica. Apresentando mudanças físicas, emocionais, relacionais, cognitivas e espirituais que influenciam diretamente no comportamento humano. Dentre as diferentes classificações correspondente às características particulares de cada faixa etária, adota-se a seguinte divisão: a) recém-nascido, de 0-30 dias; b) lactente, de 30 dias a 1 ano; c) infante, de 1 a 3 anos; d) pré-escolar, de 3 a 5 anos; e) escolar, de 6 a 12 anos (FUJIMORI; OHARA, 2009).

Ao compreender as particularidades das crianças é possível promover saúde e propiciar condições ambientais pertinentes para o seu desenvolvimento, melhorando consequentemente sua interação com os espaços e os objetos que os integra. Destacam-se a seguir características gerais de cada fase do desenvolvimento infantil segundo FUJIMORI e OHARA (2009):

Recém-nascido e lactente: “Este período é marcado pelo intenso amadurecimento dos sistemas orgânicos e pela aquisição das competências básicas para o desenvolvimento global, além da abertura para se relacionar no mundo”. (p.64).

Infante: “A fase infante caracteriza-se por um período de intensa exploração do ambiente. A criança tem um avanço no processo de diferenciação de si e dos outros. Começa a notar seus desejos e aprimora a identificação do “eu” [...]”. (p.69).

Pré-escolar: “Na fase pré-escolar, as habilidades adquiridas são aprimoradas e ampliadas. É uma fase em que a criança brinca para conhecer a si própria e aos outros, nas relações que estabelece. Aprendem normas sociais de comportamento e hábitos determinados pela cultura. Desenvolve bem a linguagem”. (p.75).

Escolar: “Na fase escolar, a criança dá um salto de qualidade em relação a socialização. Torna-se cortês e leal, respeita as regras e estabelece normas à família [...]. Torna-se mais capaz de dominar os símbolos e de utilizar a memória das experiências anteriores na interpretação do presente”. (p.82).

As crianças, assim como outros grupos geracionais (jovens, adultos e idosos), requerem de espaços planejados para atender às demandas de suas necessidades. De acordo com Barker (1987) o comportamento humano está relacionado diretamente com os ambientes em que os indivíduos são inseridos. O estudo que desenvolveu com crianças constatou que, ao trocar de ambientes, o comportamento das crianças também se modificava e que crianças diferentes em um mesmo ambiente apresentavam comportamentos semelhantes. Evidenciando que existem unidades nos ambientes que funcionam como agentes comportamentais (CAVALCANTE; ELALI, 2011, p.88).

2.2.1 A escala das crianças

Igualmente aos ambientes, mobiliários acessíveis, dimensionados a atender as necessidades ergonômicas de seus usuários, contribuem efetivamente com a autonomia e o desenvolvimento das crianças. Destacam-se, pois, dois tipos de mobiliários infantis, o primeiro tipo corresponde àqueles que facilitam a relação entre a criança e seu responsável e o segundo tipo corresponde àqueles que propiciam às crianças o uso de forma independente. O que distingue os dois tipos de mobiliários é que o primeiro se atenta a escala humana dos adultos e o segundo é pensado exclusivamente para atender a escala humana das crianças nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil (MIGLIANI, 2020).

Vale ressaltar que respeitar as diferentes escalas humanas das crianças o que condiz a cada faixa etária do desenvolvimento infantil colabora diretamente com a relação de uso e apropriação dos mobiliários. Sendo um fator decisivo para a

independência das crianças durante a utilização dos espaços e de seus objetos constituintes.

2.3 Design urbano

Antes de adentrar a temática do design urbano, faz-se necessário compreender o conceito de Design para evitar possíveis confusões quanto a este termo. Para essa explanação, utilizou-se dos escritos de Lobach (2001), Cardoso (2008) e Burdek (2006) sobre o que é Design. Partindo do pressuposto de definições etimológicas da palavra já existentes, Lobach (2001, p.16) passa a denominar o Design como as etapas do processo, que compreendem a ideia, o projeto e a construção do produto industrial que tem por objetivo solucionar os problemas decorrentes das necessidades do ser humano. Cardoso (2008, p.20) similarmente atribui ao Design a união de aspectos abstratos e concretos, que correspondem respectivamente desde a concepção até a produção de artefatos móveis.

É comum aos dois autores atribuir ao Design as atividades responsáveis pelo desenvolvimento do objeto, nesse sentido, entende-se que o Design diz respeito particularmente ao produto e às fases necessárias para sua execução. Burdek (2006, p.7) contribui expondo que o termo produto, aqui utilizado como resultado do processo que corresponde ao Design, passa a não abranger apenas objetivo físico, mas também ao objeto digital, ampliando a complexidade da área de atuação que diz respeito ao Design. É importante ainda, levar em consideração que os produtos possuem diferentes funções que são essenciais para atender as necessidades dos seus utilizadores. Segundo Lobach (2001, p.54) as funções correspondem aos principais aspectos da relação usuário e produto. As categorias funcionais podem ser de ordem prática, estética e simbólica.

Sob esta perspectiva o design no urbano constitui-se, portanto, quanto aos produtos destinados a atender às demandas do ambiente urbano, que se fazem necessários para plena vivência dos espaços por seus utilizadores. Destaca-se a necessidade de evidenciar que na literatura podemos encontrar dois enfoques distintos para caracterizar o design urbano. O primeiro enfoque refere-se aos produtos urbanos e o segundo enfoque refere-se ao espaço urbano. Ao explorar os princípios básicos do design urbano propostos por Lynch (2011, p.16) para o desenvolvimento da análise visual urbana. Observou-se que o termo design urbano é utilizado

exclusivamente para reportar-se ao sistema que envolve o meio urbano, os produtos urbanos que compõem a cidade nesse caso não são evidenciados. O que exemplifica a dualidade de abordagens encontradas na literatura quanto a sua definição.

Guedes (2005) e Barbosa (2020) identificando a imprecisão dos conteúdos explorados pelo design urbano, elaboram um percurso conceitual para diferenciá-lo do desenho urbano quanto às suas finalidades. Os dois autores relatam que essa ambiguidade decorre da tradução do termo inglês *urban design* para o português tanto como design como desenho urbano, sendo o último área de atuação do urbanismo. O processo de desenho urbano tem como objeto de estudo a configuração da forma urbana idealizada (TEIXEIRA, 2013).

Para evitar confusões conceituais Barbosa (2020) substitui a expressão design urbano por design na cidade caracterizando-o como:

“O processo criativo de atribuir aos objetos qualidades relacionadas não só às necessidades produtivas de seu público-alvo, como também propriedades que incluam características formais, históricas e culturais de uma cidade”.
(p.29).

Especificando que cabe ao design na cidade tratar dos mobiliários urbanos e ao desenho urbano tratar das dimensões da cidade. Guedes (2005) acrescenta que o design urbano é uma área específica do design, que envolve todos os produtos destinados ao ambiente urbano. Que deve ser associada a temática do desenho urbano para plena compreensão do meio urbano, devido à reciprocidade de problemas tratados entre si. Considerando a relevância da integração das temáticas, é importante a assumir como referência as concepções do *urban design*. Que segundo Carmona e Tiesdell (2007, p.7, tradução nossa) se preocupa com a qualidade física e sociocultural dos espaços, assim como a criação e a gestão deles para que as pessoas os aproveitem e os utilizem.

Elrahman e Asaad (2021, tradução nossa) descrevem os objetivos do *urban design* necessários para promover benefícios aos indivíduos das cidades, como: garantia de segurança e proteção; criação de um ambiente habitável; apoiando um ambiente natural; considerando a identidade e a forma do lugar; estrutura urbana, fechamento e continuidade: como tudo se encaixa; construir com legibilidade e autenticidade; respeitando o contexto através da transparência de identificação do local; fornecendo um ambiente controlado pelo usuário; participação da comunidade, acesso e controle sobre a vida pública; melhorando a acessibilidade, conectividade;

fornecendo um ambiente resiliente e adaptável; projeto em escala humana considerando dimensões; eficiência de desempenho e custo do ambiente construído; justiça por meio de benefícios iguais para a comunidade; e diversidade de atividades e uso misto.

2.3.1 Mobiliário urbano

Levando em consideração que cabe ao design urbano tratar dos mobiliários urbanos, caracteriza-se a seguir alguns conceitos e aspectos para designá-los. O termo mobiliário urbano tem sido utilizado para determinar produtos industrializados e manufaturados que são implementados em espaços públicos urbanos. De modo a contribuir com a qualificação, ordenamento e vitalidade desses espaços. Além de proporcionar à população segurança, informação, lazer e conforto durante o uso (MONTENEGRO, 2014). Colabora ainda com a construção da ressignificação identitária dos espaços públicos atuando como uma ferramenta de intervenção urbanística eficiente para promover novas relações de uso e de apropriações (COLCHETE FILHO et al., 2020).

A Associação Brasileira de Normas Técnicas na NBR 9050 (ABNT, 2020), que trata da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, define a expressão mobiliário urbano como o “conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nestes elementos, como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga”.

Ainda de acordo com a NBR 9050 (ABNT, 2020), os mobiliários urbanos só serão considerados acessíveis quando: a) proporcionar ao usuário segurança e autonomia de uso; b) assegurar dimensão e espaço apropriado para aproximação, alcance, manipulação e uso, postura e mobilidade do usuário; c) ser projetado de modo a não se constituir em obstáculo suspenso; d) ser projetado de modo a não possuir cantos vivos, arestas ou quaisquer outras saliências cortantes ou perfurantes; e) estar localizado junto a uma rota acessível; f) estar localizado fora da faixa livre para circulação de pedestre; e g) ser sinalizado.

Os mobiliários urbanos são classificados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas na NBR 9283 (ABNT, 1986) em categorias e subcategorias que estão de acordo com suas funções predominantes. Essa relação pode ser verificada a seguir no Quadro 1.

Quadro 1: Classificação dos mobiliários urbanos por categorias e subcategorias.

CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS	CLASSIFICAÇÃO
1. Circulação e transporte	1. Abrigo, ponto de ônibus; acesso ao metrô; acostamento para paradas em geral; bicicletário; calçada; elemento condicionador de tráfego; espelho parabólico; parquímetro; passagem subterrânea; passarela; pavimentação; pequeno ancoradouro; rampa, escadaria; semáforo; e sinalização horizontal.
2. Cultura e religião	2. Arquibancada, palanque; coreto; cruzeiro; escultura, estatuária; estação de via sacra; marco; mastro; monumento; mural; obelisco; oratório; painel; pira; plataforma, palco; e placa comemorativa.
3. Esporte e lazer	3. Aparelho de televisão coletivo; brinquedo; churrasqueira; circo; mesa, assentos; parque de diversões; playground; e quadras de esporte.
4. Infraestrutura 4.1. Sistema de comunicações 4.2. Sistema de energia 4.3. Sistema de iluminação pública 4.4. Sistema de saneamento	4.1. Caixa de correio; cabine telefônica, orelhão; entrada de galeria telefônica, tampão; posteação, fiação; torre, e antena. 4.2. Entrada de galeria de gás, tampão; entrada de galeria de luz e força, tampão; posteação, fiação, torre; e respiradouro. 4.3. Luminária; poste de luz, e fiação. 4.4. Bebedouro, bica; chafariz, fonte, tanque; entrada de galeria de águas; tampão; grade, tampa, outras vedações; lixeira; respiradouro; e sanitário público.
5. Segurança pública e proteção	5. Balaustrada; cabine; defesa; frade; grade, gradil; guarita; hidrante; muro, mureta; cerca; e posto salva vidas.
6. Abrigo	6. Abrigo, refúgio; caramanchão; pavilhão; pérgola; quiosque.
7. Comércio	7. Banca; barraca; carrocinha; e trailer
8. Informação e comunicação visual	8. Informação e comunicação visual: posto; cabine; anúncios; relógio; e sinalização.

Fonte: Adaptado de (ABNT, 1986).

Dentre estas categorias destaca-se a opção de esporte e lazer que versa em uma de suas subcategorias aos brinquedos urbanos destinados ao lazer infantil. Os brinquedos são considerados importantes por serem capazes de auxiliar na promoção de brincadeiras, o ato de brincar contribui com o aprendizado e desenvolvimento cognitivo, físico, psíquico e emocional das crianças (VIEIRA, 2018). O mobiliário urbano infantil influencia diretamente no desenvolvimento físico e psíquico e colabora ainda com o processo de socialização das crianças. Isso decorre das funções que os mobiliários são habilitados a exercer, podendo assumir diferentes materiais e formas com a finalidade de atender as necessidades do seu público consumidor (MAGALHÃES, 2014).

2.4 Análise visual do espaço

O ato de olhar auxilia na construção de significados e interpretação de imagens em análise. A percepção que o indivíduo constrói através dessa ação é puramente subjetiva e influenciada por aspectos sociais e culturais oriundos de suas vivências particulares (SILVA; DIAS, 2021).

A análise visual de determinado local está diretamente associada à percepção ambiental que o observador constrói após apreciar o ambiente através do sentido da visão, processo este que resultará em uma imagem ambiental eficiente para compreender as possíveis relações e interações que as pessoas estabelecem com o espaço. Desse modo, entende-se, que a análise visual pode ser considerada como um eficiente recurso para compreender a paisagem urbana e seus elementos constituintes.

Destaca-se a seguir uma introdução teórica das ferramentas utilizadas no presente estudo de caso para compor a análise visual, que foram definidas por Barbosa (2020), e que serão detalhadas no capítulo de metodologia. São elas: visão serial, mapa mental, mapa psicogeográfico, categorias funcionais, categorias de comunicação e categorias de investigação.

A visão serial corresponde à captura de imagens sequências que ocorrem durante o movimento do observador em um determinado percurso capaz de revelar uma sucessão de pontos de vista. É uma técnica elaborada por Cullen (2008), utilizada para compreensão e percepção do espaço, que se atenta às várias escalas da cidade, desde os edifícios, aos mobiliários urbanos, vegetação, publicidade e tráfego.

O mapa mental condiz à confecção de mapas que indicam os referenciais mais importantes para os observadores em relação ao espaço observado, eles são eficientes para revelar como esse espaço urbano é percebido. A técnica desenvolvida por Lynch (2011) é utilizada para compreender a estrutura visual da imagem da cidade observando seus aspectos de maior escala como as vias, nós, marcos, bairros e limites.

O mapa psicogeográfico concerne a construção de mapas que não versa aos observadores, mas sim aos construtores de situações durante suas vivências nos lugares. O modelo proposto pelo movimento internacional situacionista na pessoa de Debord (1997), Jacques (2003) e Sadler (1999), é usado para identificar a apropriação do espaço urbano pelo pedestre ao andar sem rumo, considerando as experiências das situações da vida cotidiana.

As categorias funcionais referem-se à classificação das funções do produto em três categorias, que são eficazes para compreender os elementos fundamentais para satisfação do usuário durante a utilização dos objetos. O modelo utilizado por Lobach (2001), aborda questões do processo de design e processo de uso referente ao usuário e produto industrial, atribuindo aos produtos, aqui tratados como mobiliários urbanos, funções estéticas, práticas e simbólicas que são utilizados para propiciar uma total compreensão dos artefatos.

Evidenciam-se a seguir os conceitos gerais das funções dos produtos apresentados por Lobach (2001). Para plena compreensão das investigações realizadas no presente estudo de caso:

Funções práticas: “São funções práticas de produtos todos os aspectos fisiológicos do uso”. (p.58)

Funções estéticas: “A função estética dos produtos é um aspecto psicológico da percepção sensorial durante o seu uso”. (p.60).

Funções simbólicas: “A função simbólica dos produtos é determinada por todos os aspectos espirituais, psíquicos e sociais do uso”. (p.64).

As categorias de comunicação tangem tanto à especificação dos produtos quanto aos seus elementos, classificando-os na categoria de contraste ou de harmonia. A ordenação aplicada por Dondis (1997) contribui com análise mediante a proposição de técnicas visuais definidas com seu oposto para compreensão do objeto estudado. São elas: instabilidade e equilíbrio; assimetria e simetria; irregularidade e regularidade; complexidade e simplicidade; fragmentação e unidade; profusão e

economia; exagero e minimização; espontaneidade e previsibilidade; atividade e estase; ousadia e sutileza; ênfase e neutralidade; transparência e opacidade; variação e estabilidade; distorção e exatidão; profundidade e planura; justaposição e singularidade; acaso e sequencialidade; agudeza e difusão e episodicidade e repetição. Por meio da utilização dessas técnicas de comunicação visual é possível identificar problemas da forma e solucioná-los.

As categorias de investigação compreendem a classificação dos produtos urbanos em três categorias de análise que são compostas por outras variantes complementares. A associação dessas categorias contribui para apontar as particularidades da relação da forma urbana e da forma no design. O método objetivado por Guedes (2005) para análise visual de equipamentos no meio urbano, propõe a correlação das seguintes categorias, o modo visual, a qualidade da forma e a configuração do meio. Para o modo visual as variantes são, posicionamento, visualização, deslocamento e temporalidade. Para a qualidade da forma as variantes são, tipologia formal, proporção, orientação da forma e tratamento superficial e para a configuração do meio as variantes são, modalidade solo, forma arquitetônica, vegetação e forma de equipamento. Ambas utilizadas para identificar as complexidades das formas dos equipamentos urbanos sem desassociá-los da paisagem urbana.

Destacam-se a seguir os conceitos propostos por Guedes (2005), para designar as variantes de temporalidade, proporção e orientação da forma. A fim de compreender os estudos realizados:

Temporalidade: “A modalidade de temporalidade apresenta-se como a que procura identificar a variância temporal decorrente da observação”. (p.189).

Proporção: “A modalidade proporção procura investigar a maneira como os diversos elementos formais se relacionam em termos de dimensão”. (p.208).

Orientação da forma: “Esta modalidade procura investigar o direcionamento que as formas apresentam quando posicionadas em um meio”. (p.213).

2.4.1 Percepção ambiental

Conjecturando que a percepção de um determinado indivíduo é um aspecto indispensável para realização de uma análise visual, compreende-se que a percepção como objeto de estudo originou-se no campo da fisiologia e psicologia e foi sendo adotada por outras áreas, a fim de compreender o comportamento humano. O termo ambiental acrescido à percepção forma um conceito que representa uma maneira de

entender a Relação Pessoa-Ambiente. A Percepção Ambiental está relacionada à forma como as pessoas vivenciam os aspectos físicos, sociais, culturais e históricos do ambiente. Possui várias dimensões psicossociais, dentre as quais destacam-se a cognição, o afeto e as preferências. Compreender como as pessoas percebem o espaço em que estão inseridas, é uma informação útil para elaboração de políticas públicas que atendam as demandas sociais (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

O processo da Percepção Ambiental concentra-se na verificação da interação entre as características físico-espaciais do ambiente e as respostas comportamentais de seus usuários. Dentre as várias etapas que envolvem a Percepção Ambiental, destacam-se a etapa de **percepção**, que se refere à contemplação do ambiente através dos sentidos básicos, que ocorrem independente de ações internas como memória, reconhecimento e imaginação. A etapa de **cognição** se refere à maneira que o ambiente é percebido, codificado, armazenado e organizado pelo observador que são interferidas pela experiência do próprio indivíduo. As informações obtidas através das experiências perceptivas e cognitivas resultam em uma imagem ambiental, que permite entender as ações e necessidades das pessoas em relação ao ambiente (BALLESTE; NAOUMOVA, 2019).

A percepção é um processo mental que caracteriza a interação pessoa-ambiente, que ocorre através dos estímulos captados pelos cinco sentidos associados às contribuições do indivíduo. Nesse contexto, a percepção é um processo individual de compreender o ambiente, cada pessoa assimila o meio em que está inserido com base em suas vivências particulares (ASSIS et al., 2020).

2.4.2 Relação pessoa, ambiente e produto

A Relação Pessoa-Ambiente, compreendida nos estudos da Percepção Ambiental, procura investigar como se constroem equivalências de características entre as necessidades do ser humano e as características do ambiente físico, com o objetivo de reduzir os níveis de pressão e estresse ambiental. A pressão ambiental representa as demandas que influenciam os indivíduos, resultando em níveis de estresse ambiental que concerne a respostas fisiológicas e emocionais do corpo humano (ALBUQUERQUE et al., 2018). Sob esta perspectiva o ambiente físico afeta o comportamento humano e é resultante da interação pessoa-ambiente.

O processo da Relação Pessoa-Ambiente confere ao ambiente um significado, esse significado corresponde ao resultado emocional que o ambiente é capaz de produzir em determinado indivíduo que define o tipo de relação que pode ocorrer entre o usuário e o meio. Conseqüentemente, considera-se que o ambiente físico afeta e modela as relações humanas produzindo complexas interações. Dessa forma, de acordo com Gif Ford (2005), se o ambiente for modificado, o indivíduo também tem seu comportamento e experiência modificados pelo ambiente (ZACARIAS; HIGUCHI, 2017).

O significado que o resultado emocional fornece em relação ao ambiente é individual a cada pessoa e decisivo para o sentimento de afeto positivo ou negativo pelo mesmo, fator esse que influencia diretamente no uso e apropriação do espaço. Nesse sentido, compreende-se apropriação do espaço público como o uso da cidade.

3. METODOLOGIA

Este capítulo expõe de forma detalhada a descrição dos métodos e técnicas empregues na metodologia para o desenvolvimento da presente pesquisa, de forma a alcançar os objetivos iniciais tratados no estudo.

3.1 Caracterização da pesquisa

Quanto à natureza corresponde a uma pesquisa aplicada, pois utiliza-se de conhecimentos e teorias já desenvolvidos para aplicações práticas com a finalidade de resolver problemas (GIL, 2008). Quanto à forma de abordagem refere-se a uma pesquisa fenomenológica de caráter qualitativo, que não utiliza coleta de dados numérica. Envolve a compreensão das relações de um determinado sistema através da observação de seus elementos estruturantes (SANTOS, 2018).

Quanto aos objetivos, corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva. Exploratória pois objetiva elucidar conceitos, ambientando-se com os problemas. E Descritiva pois objetiva a descrição, caracterização e a correlação de diferentes aspectos (GIL, 2008). Quanto ao objeto, condiz a uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Bibliográfica pois é elaborada por um material que já foi publicado, mediante estudo de levantamento bibliográfico. E pesquisa de campo por investigações que se realizam por meio da coleta de dados junto a um determinado grupo de pessoas através de observações sistemáticas.

Quanto aos procedimentos de coleta caracterizam-se como: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e estudo de caso. Pesquisa bibliográfica: devido a utilização de materiais que já existem. Pesquisa de campo: devido à coleta de dados junto às pessoas. E estudo de caso: devido ao estudo aprofundado em determinado caso (GIL, 2008). Os instrumentos utilizados são de esquemas gráficos, registros fotográficos e observações. A caracterização da presente pesquisa pode ser observada na Figura 5.

Figura 5: Caracterização da pesquisa.

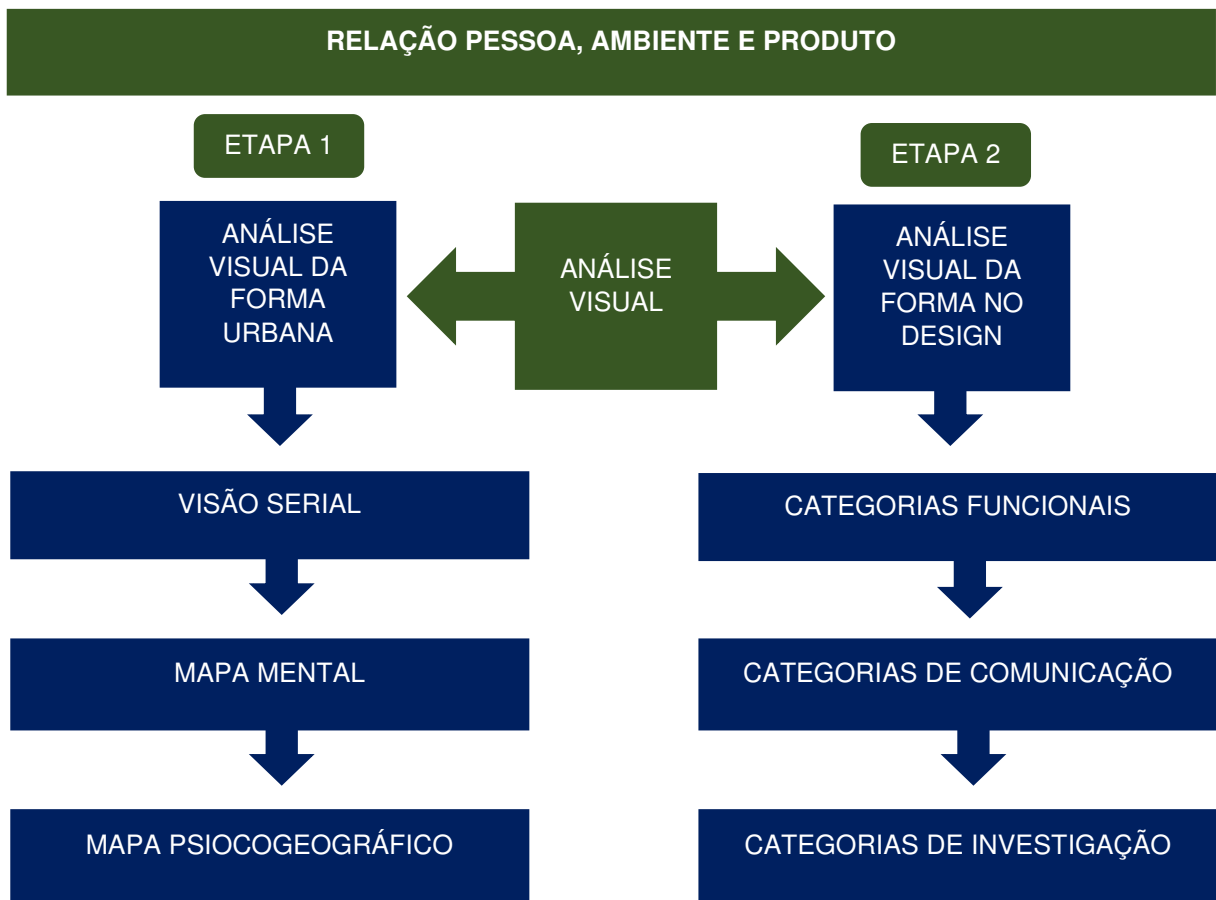
NATUREZA	APLICADA
ABORDAGEM	FENOMENOLÓGICA
OBJETIVOS	EXPLORATÓRIA E DESCRITIVA
OBJETO	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E PESQUISA DE CAMPO
PROCEDIMENTOS DE COLETA	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, PESQUISA DE CAMPO E ESTUDO DE CASO

Fonte: a autora.

3. 2 Métodos e técnicas

A pesquisa foi desenvolvida a partir da relação pessoa, ambiente e produto. Cada uma dessas três constituintes contribui para revelar os diferentes aspectos que precisam ser considerados para verificação da apropriação dos usuários pelo espaço e mobiliário urbano infantil do Parque da Criança, mediante aplicação do método de análise visual da forma elaborado por Barbosa (2020). Na Figura 6, podemos observar os procedimentos utilizados na metodologia que é dividida em duas etapas, a primeira etapa correspondente à análise visual da forma urbana e a segunda etapa correspondente à análise visual da forma no design. Para a análise visual da forma urbana são utilizadas as ferramentas de visão serial, mapa psicogeográfico e mapa mental e para análise visual da forma no design são utilizadas as ferramentas de categorias funcionais, categorias de comunicação e categorias de investigação. Ambas as ferramentas foram aplicadas considerando apenas a percepção da pesquisadora, sem que houvesse a interferência externa de outras pessoas para realização da coleta de dados em campo.

Figura 6: Metodologia utilizada.



Fonte: a autora.

3.3 Análise visual

Para desenvolver a análise visual do Parque da Criança, utilizou-se como ponto de partida o modelo metodológico abordado no livro “Imagem, paisagem e situação: Uma apreensão do Design na Cidade” (BARBOSA, 2020), referente a análise visual da Orla da Praia de Boa Viagem, na cidade do Recife. A proposta metodológica utilizada adota um conjunto de ferramentas, que se fundamentam e permeiam a análise da forma urbana e análise da forma no design, resultantes dos seguintes referenciais teóricos: Lynch (2011), Cullen (2008) e os escritos sobre os internacionais situacionistas Debord (1967), Jacques (2003) e Sadler (1999) para tratar da forma urbana e Lobach (2001), Dondis (1997), Arnheim (1988) e Guedes (2005) para tratar da forma no design. Tais temáticas integradas proporcionam a leitura da paisagem, e possibilitam a compreensão do espaço urbano. A seguir são selecionadas algumas das ferramentas utilizadas por Barbosa (2020), que serão aplicadas e adaptadas para realidade da investigação do presente estudo.

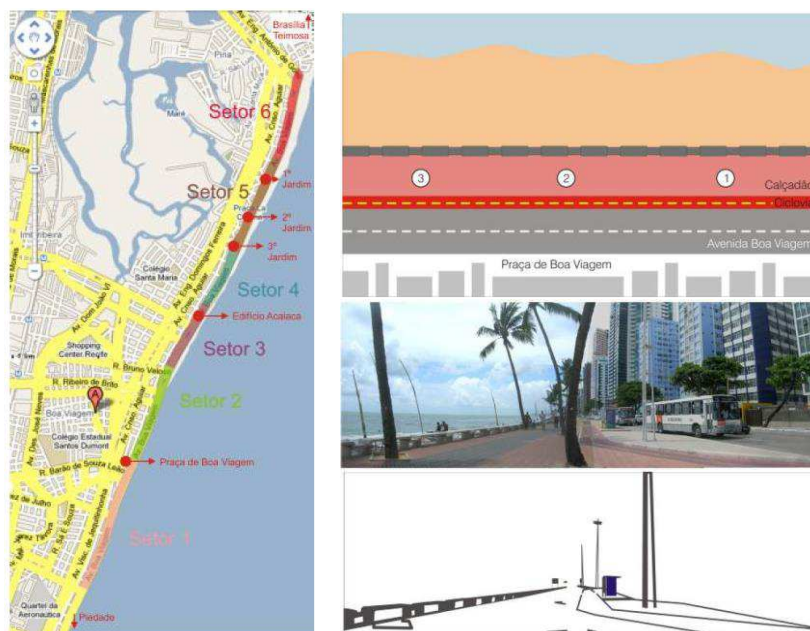
3.3.1 Ferramentas para análise visual da forma urbana

3.3.1.1 Visão serial

A aplicação da ferramenta de visão serial (CULLEN, 2008) foi utilizada na pista de caminhada e corrida do parque. Inicialmente o observador pesquisador setoriza os espaços, para posterior definição dos pontos de vista e registro das suas respectivas perspectivas através de imagens fotográficas. Estabelecendo como critérios: o percurso e a orientação já definidos pela pista de caminhada e corrida do parque; os ângulos provenientes das curvaturas da pista; o tamanho dos trajetos e as atividades desenvolvidas nas proximidades da pista.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado por Barbosa (2020) mediante a divisão do ambiente em setores, cada setor contendo a indicação de pontos de vista da sequência do percurso que correspondem ao registro fotográfico e desenhos esquemáticos da paisagem urbana como apresentado na Figura 7.

Figura 7: Visão serial do setor 1 ponto 1.



Fonte: Adaptado de (BARBOSA, 2010).

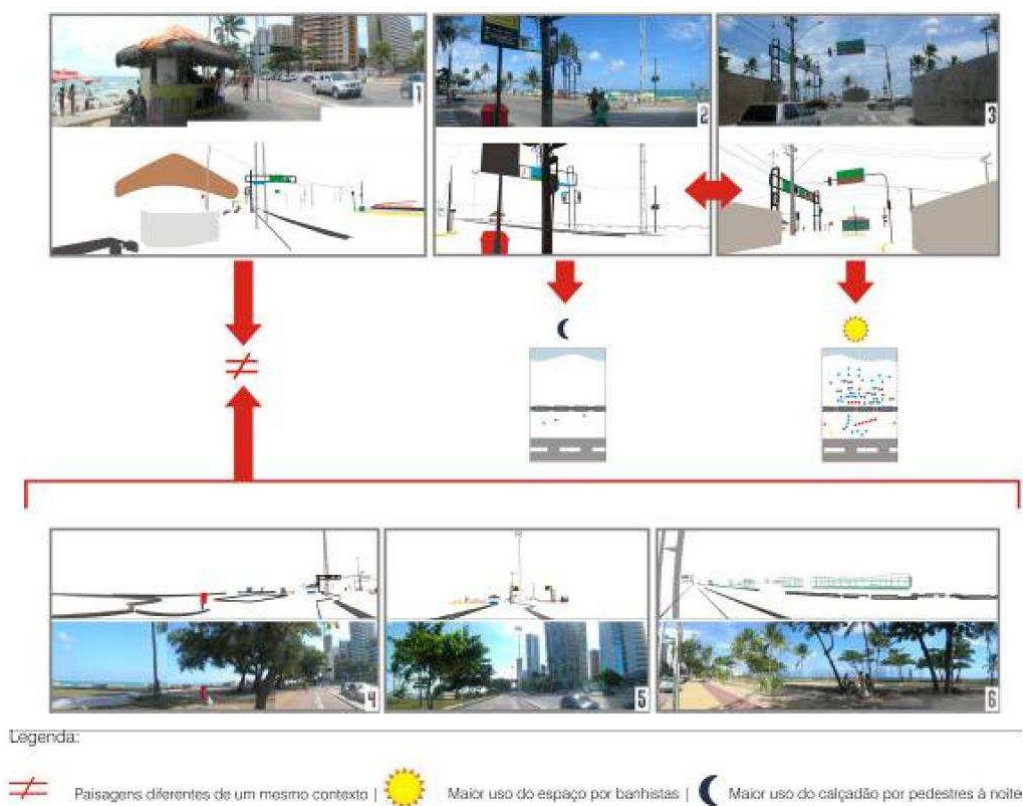
3.3.1.2 Mapa mental

A aplicação da ferramenta de mapa mental (LYNCH, 2011), foi utilizada em todas as áreas do parque. Inicialmente o observador pesquisador faz o reconhecimento do parque por meio de observações sistemáticas no local, para posterior apontamento dos elementos visuais mais significativos. Estabelecendo

como critérios: a ocupação frequente dos espaços; as atividades que nele são desenvolvidas, assim como o seu público-alvo predominante.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado por Barbosa (2020) a partir da pesquisa de campo, com mapeamento dos pontos mais relevantes do espaço que também são referenciados por suas imagens. São destacados nos mapas os elementos estruturantes da paisagem que mais se diferenciam quanto a sua composição e os mais utilizados pelo público. Como observado na Figura 8.

Figura 8: Mapa mental síntese da extensão da orla.



Fonte: Adaptado de (BARBOSA, 2010).

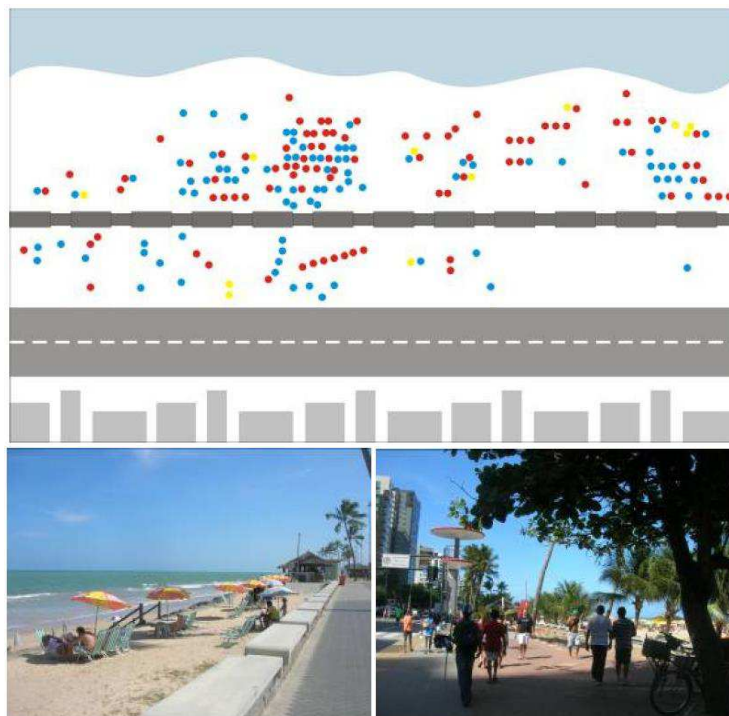
3.3.1.3 Mapa psicogeográfico

A aplicação da ferramenta de mapa psicogeográfico (DEBORD, 1967), (JACQUES, 2003) e (SADLER, 1999), foi utilizada nas áreas de playground do parque. Inicialmente o observador pesquisador permanece em repouso em um local que permita ampla visão das situações e faz o registro fotográfico, em seguida aponta no mapa a localização dos usuários e descreve as atividades que estão sendo desenvolvidas. Os pontos vermelhos correspondem a mulheres, os pontos azuis correspondem aos homens e os pontos amarelos correspondem às crianças.

Estabelecendo como critérios: investigações em dias e horários diferentes e apreciações em curto intervalo de tempo.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado a princípio por Barbosa (2020), mediante o registro fotográfico e mapeamento de pedestres que se encontram predominantemente parados no ambiente. As observações ocorrem no período diurno e noturno, e os usuários são representados no mapa por cores que os classificam como mulheres, homens e crianças, respectivamente na cor vermelho, azul e amarelo como apresentado na Figura 9.

Figura 9: Mapa psicogeográfico de ocupação dos pedestres durante o dia.



Fonte: Adaptado de (BARBOSA, 2010).

3.3.2 Ferramentas para análise visual da forma no design

3.3.2.1 Categorias funcionais

A aplicação da ferramenta de categorias funcionais (LOBACH, 2001), foi utilizada nos mobiliários urbanos implantados nas áreas de playground do parque. Inicialmente o observador pesquisador seleciona os mobiliários urbanos, para posterior identificação das funções práticas, estéticas e simbólicas dos produtos. Estabelecendo como critérios: os aspectos fisiológicos, psicológicos da percepção sensorial, espirituais, psíquicos e sociais que ocorrem durante o uso dos mobiliários.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado por Barbosa (2020) após visão serial, mediante análise do ordenamento visual da paisagem e seus constituintes, assim como caracterização dos atributos dos produtos.

3.3.2.2 Categorias de comunicação

A aplicação da ferramenta de categorias de comunicação (DONDIS, 1997), foi utilizada nas áreas de playground do parque e nos seus respectivos mobiliários urbanos. Inicialmente o observador pesquisador identifica as técnicas visuais existentes, para posterior classificação nas categorias de contraste ou de harmonia que mais se assemelham a realidade compositiva dos mobiliários e o leiaute de sua implementação. Estabelecendo como critérios: a forma dos mobiliários urbanos e o modo no qual estão distribuídos no espaço.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado por Barbosa (2020) durante análise do mobiliário urbano, através da seleção das técnicas visuais compatíveis com as similaridades dos produtos.

3.3.2.3 Categorias de investigação

A aplicação da ferramenta de categorias de investigação (GUEDES, 2005) foi utilizada nas áreas de playground do parque e nos seus respectivos mobiliários urbanos. Inicialmente observador pesquisador seleciona dentre as categorias, o modo visual, a qualidade da forma e a configuração do meio, as variantes de temporalidade, proporção e orientação da forma, para posterior aplicabilidade nas áreas infantis. Estabelecendo como critérios: a variância temporal decorrente dos dias, turnos e duração dos períodos de observação; os aspectos formais envolvidos; a relação entre os objetos em termos de dimensão e escala; o ordenamento e equilíbrio dos elementos; a integração dos objetos com o espaço no qual estão inseridos; e o direcionamento da forma quando inseridos em determinado meio.

O procedimento para a aplicação dessa ferramenta é realizado por Barbosa (2020) através do estudo da orientação da forma e proporção dos elementos espaciais assim com análise da temporalidade iluminação e ocupação do espaço.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo evidencia os resultados e discussões provenientes das análises visuais da forma urbana do Parque da Criança e da forma no design dos mobiliários urbanos implantados no parque.

4.1 Análise visual da forma urbana

4.1.1. Visão serial

A visão serial corresponde a uma sequência de pontos de vista que ocorrem dentro de um determinado percurso. Essas perspectivas proporcionam um panorama geral dos espaços contribuindo com a experiência do observador na descoberta dos lugares. A aplicação dessa ferramenta no Parque da Criança ocorreu através de observações e registros sistemáticos realizados em um sábado no turno da tarde, no horário das 16h15 às 17h15. Na Figura 10, é possível observar a setorização dos espaços do Parque da Criança para o desenvolvimento do estudo.

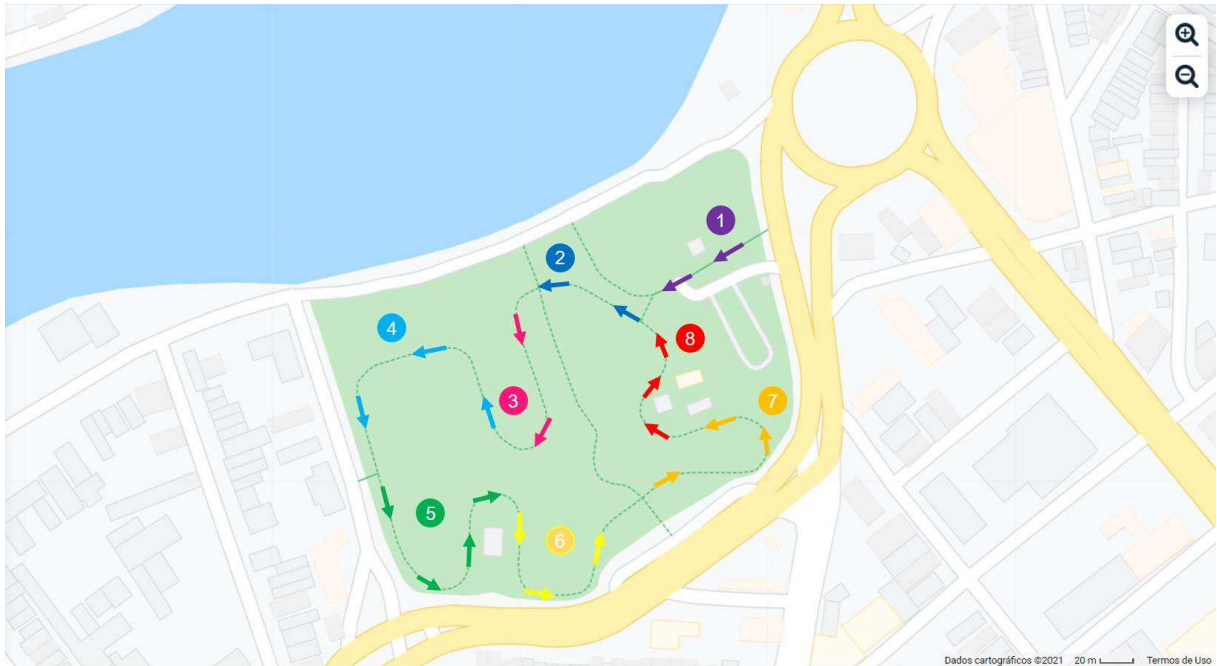
Figura 10: Setorização do Parque da Criança.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Após a definição dos oito setores, foram posicionados os pontos de vista que correspondem respectivamente ao registro fotográfico das diferentes perspectivas do parque para análise da paisagem urbana e de seus elementos constituintes. Como observado na Figura 11, os pontos de vista são representados por setas em diferentes cores relacionadas diretamente com seu setor correspondente.

Figura 11: Pontos de vista do Parque da Criança.



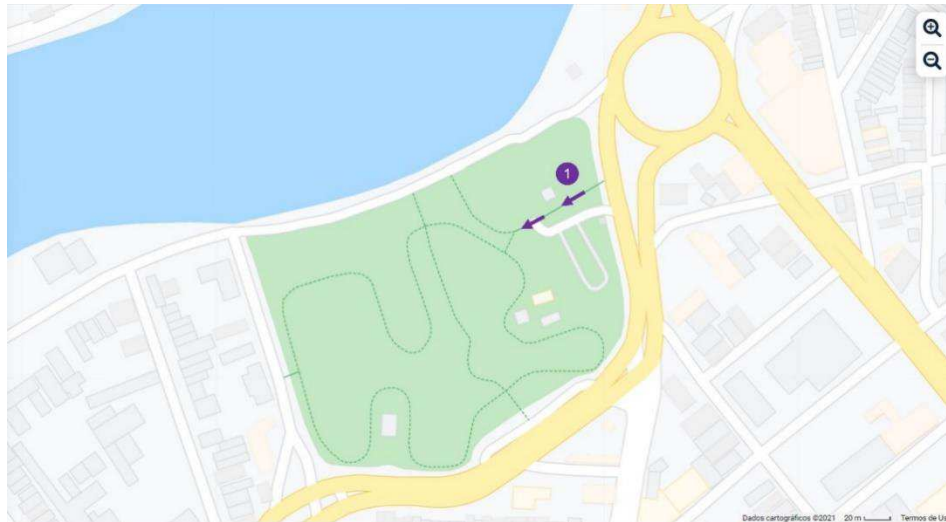
Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

As perspectivas correspondentes aos registros fotográficos de cada ponto de vista dos setores indicados anteriormente podem ser verificadas a seguir nas Figuras 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25 e 27. A indicação do setor 1 pode ser verificada na figura 12.

O percurso da visão serial inicia-se a partir da entrada principal do Parque da Criança, observa-se na Figura 13 (a), um caminho definido para o pedestre que separa o ambiente do estacionamento das quadras esportivas. Nessa paisagem é possível verificar nitidamente a delimitação do espaço esportivo através da implementação de uma parede com entrelaçamentos atribuídos aos arcos que contribuem diretamente com a interligação dos espaços. Adiante nota-se a presença de uma chaminé, símbolo vertical do parque considerado como um ponto focal. Na Figura 13 (b), constatam-se a existência de um desnível e a presença de uma escada posicionada para duas direções estabelecendo um acesso ao nível mais baixo do parque.

Vale ressaltar que para essa entrada principal do parque existe outro acesso ao nível inferior próximo à área de estacionamento com uma rampa que permite a passagem dos demais usuários que não possam utilizar as escadas garantindo a acessibilidade no ambiente. Embora fosse mais interessante que todos os usuários pudessem compartilhar da mesma experiência sem que houvesse nenhum tipo de segregação.

Figura 12: Indicação dos pontos de vista do setor 1.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 13: Pontos de vista do setor 1.



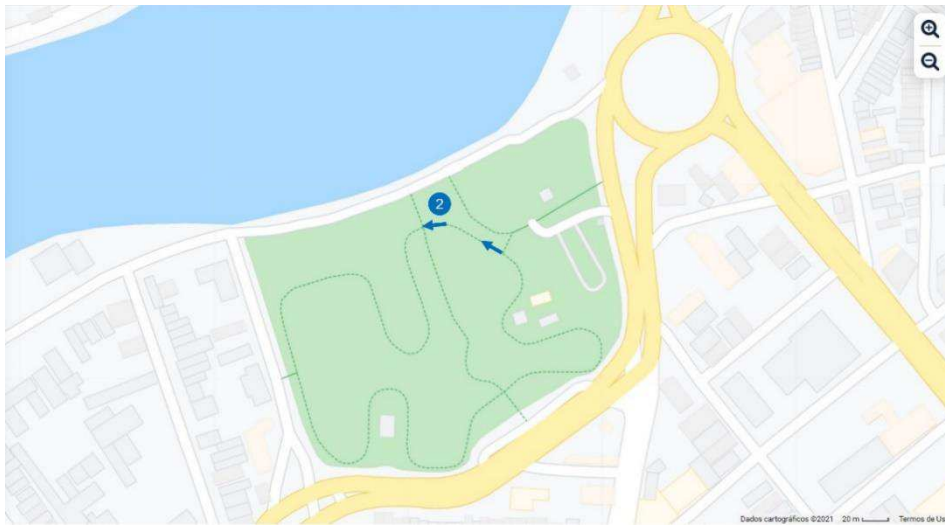
(a)

(b)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 2 pode ser verificada na figura 14. Após a descida das escadas, é possível identificar na Figura 15 (a), o nível mais baixo do parque e o começo da pista de caminhada e corrida que são sinalizadas em sentidos opostos e encontram-se cercadas por áreas verdes arborizadas que contribuem para a prática dos exercícios. Adiante percebem-se a primeira curvatura no percurso e a presença de uma segunda escadaria que dá a um acesso secundário ao parque. A Figura 15 (b), aproxima-se da escadaria e da área de ginástica, espaços utilizados com recorrência para o desenvolvimento de atividades físicas. Devido a curvatura da pista esse ponto de vista apresenta uma baixa visibilidade do entorno.

Figura 14: Indicação dos pontos de vista do setor 2.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 15: Pontos de vista do setor 2.



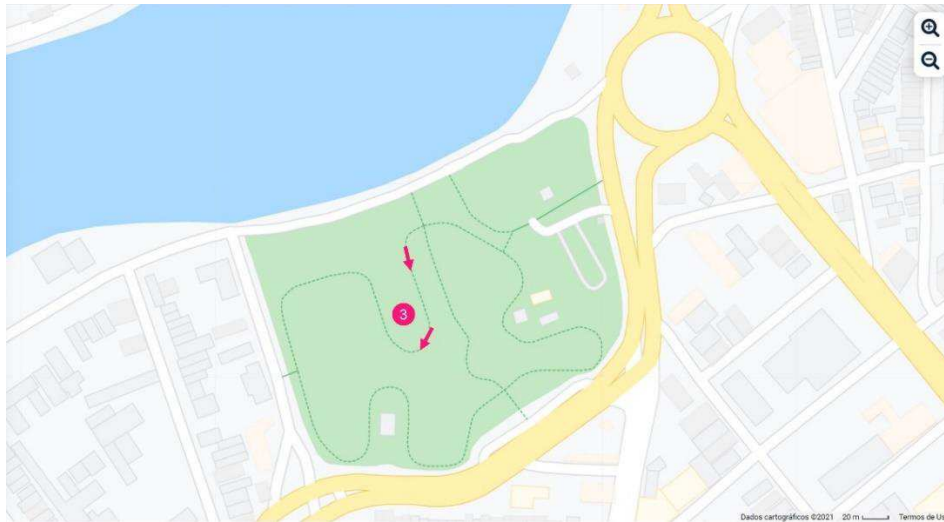
(a)

(b)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 3 pode ser verificada na figura 16. A Figura 17 (a), apresenta a primeira perspectiva do setor 3. Neste percurso observa-se no lado direito da pista a presença de uma academia ao ar livre e um quiosque utilizado para o descanso e abrigo dos seus usuários e do lado esquerdo um espaço livre verde. A arborização espaçada próxima ao caminho asfaltado contribui com o ângulo de visão do observador as demais áreas do parque e com o sombreamento do espaço. Na Figura 17 (b), observa-se na curvatura da pista a existência de um letreiro utilizado como ponto de registro fotográfico dos utilizadores do parque.

Figura 16: Indicação dos pontos de vista do setor 3.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 17: Pontos de vista do setor 3.



(a)

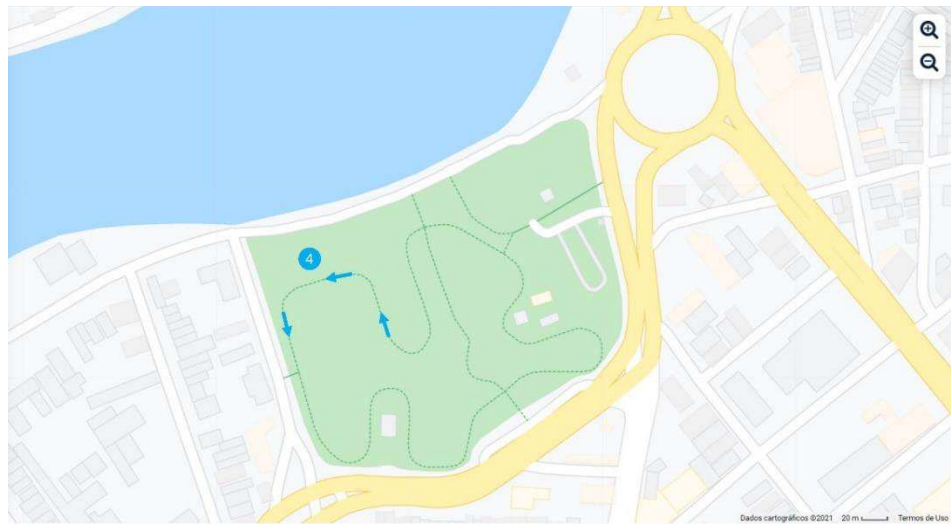
(b)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 4 pode ser verificada na figura 18. O caminho apontado na Figura 19 (a), no setor 4 apresenta bancos de concreto na cor verde predispostos linearmente no percurso da pista. Para este mobiliário urbano os usuários possuem a flexibilidade de escolha de qual vista desejam se posicionar, seja para quadra de areia de maior extensão ou para pista de caminhada e corrida, fator que intensifica seu uso. Destaca-se ainda outro acesso para a academia ao ar livre permitindo aos usuários novas possibilidades de caminhos. Na Figura 19 (b), percebe-se a divisão do espaço correspondente às quadras de areia, essa separação é estabelecida pela centralidade da pista asfaltada e as áreas verdes que estão ao seu lado. Já o último ponto de vista

do setor 4, retratado na Figura 19 (c), evidencia um ponto de fuga, contribuído com a percepção de continuidade do percurso. No lado esquerdo da pista encontra-se a quadra de areia de maior extensão e do lado direito um gradil que separa o parque da calçada e permite a conexão com o espaço urbano do entorno imediato.

Figura 18: Indicação dos pontos de vista do setor 4.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 19: Pontos de vista do setor 4.



(a)

(b)



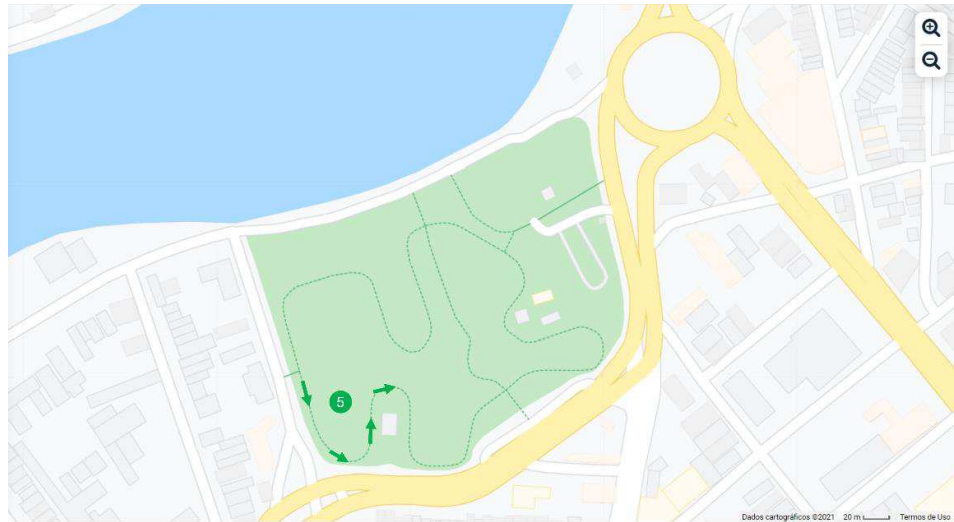
(c)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 5 pode ser verificada na figura 20. O acesso ao primeiro playground pode ser verificado na Figura 21 (a). Destaca-se nessa perspectiva a presença de um mobiliário infantil na faixa de areia e um gradil colorido que delimita a extensão do parque. Já na Figura 21 (b), temos um muro com elementos decorativos que também atua com a função de delimitação e separação do espaço. No entanto, diferentemente do gradil, não permite a conexão com o lado externo contribuindo com a sensação de insegurança que se agrava ainda mais devido à baixa visibilidade proporcionada pela curvatura da pista e vegetação com grande copa.

Observa-se na Figura 21 (c), do lado esquerdo da pista de caminhada outro acesso a área infantil e do lado direito um volume edificado próximo a uma escada que além da sua função prevista é utilizada para o descanso e observação dos usuários ao playground. O último ponto de vista do setor 5, representado na Figura 21 (d), contribui para comprovar a apropriação do espaço verde do parque pela presença de pessoas estáticas nesse ambiente.

Figura 20: Indicação dos pontos de vista do setor 5.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 21: Pontos de vista do setor 5.



(a)

(b)



(c)

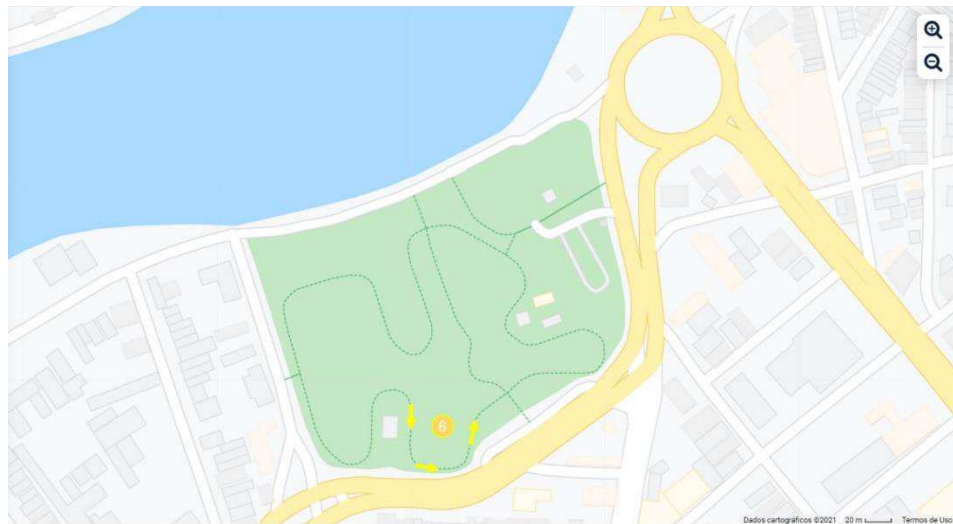
(d)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 6 pode ser verificada na figura 22. A ocupação efetiva do espaço também pode ser verificada na Figura 23 (a). Próximo à lanchonete observa-se a presença de usuários estáticos desfrutando da paisagem em companhia de outras pessoas. Já na Figura 23 (b), nota-se uma das extremidades do parque delimitada por um muro, que o segrega do seu entorno imediato.

As áreas verdes arborizadas do parque proporcionam condições favoráveis ao uso. A Figura 23 (c), demonstra duas situações distintas da utilização desse espaço. A primeira situação corresponde à permanência de pessoas como retratado do lado direito da pista e a segunda situação de passagem e circulação de pessoas para os demais setores do parque como observado do lado esquerdo da pista.

Figura 22: Indicação dos pontos de vista do setor 6.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 23: Pontos de vista do setor 6.



(a)



(b)

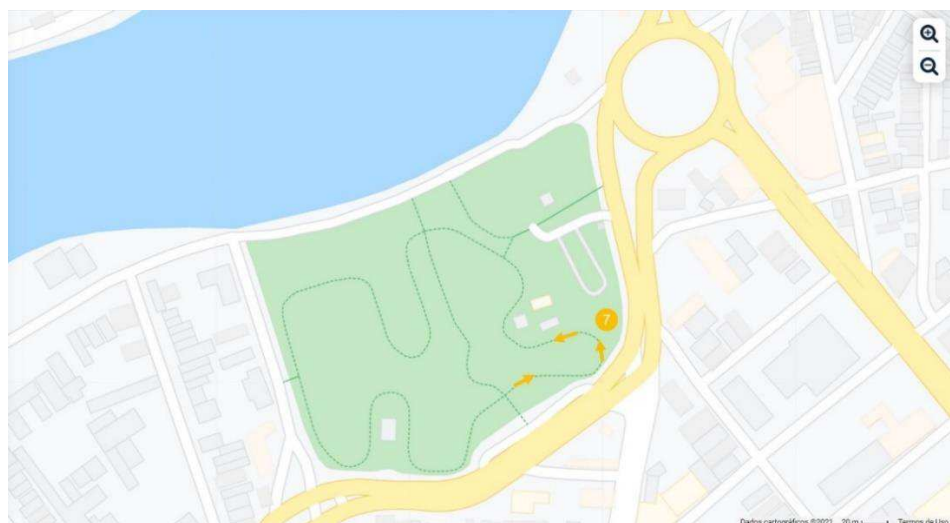


(c)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 7 pode ser verificada na figura 24. O setor 7 do parque circunda toda a área do terceiro playground. A Figura 25 (a), revela essa área infantil e evidencia o caminho até a sua chegada. Observa-se ainda na Figura 25 (a), a presença de um homem e uma criança realizando tal trajeto. O ponto de vista representado na Figura 25 (b), inicia-se com uma sinuosa curvatura da pista de caminhada e corrida que estava sendo utilizada por uma mulher para prática de exercícios físicos, principal atividade prevista para o espaço. Já a Figura 25 (c), revela do lado direito da pista de caminhada a apropriação do mobiliário urbano denominado de lava-pés por um grupo de três crianças e um adulto. O espaço é usualmente utilizado para higiene dos seus usuários mediante o acesso gratuito à água.

Figura 24: Indicação dos pontos de vista do setor 7.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 25: Pontos de vista do setor 7.



(a)

(b)



(c)

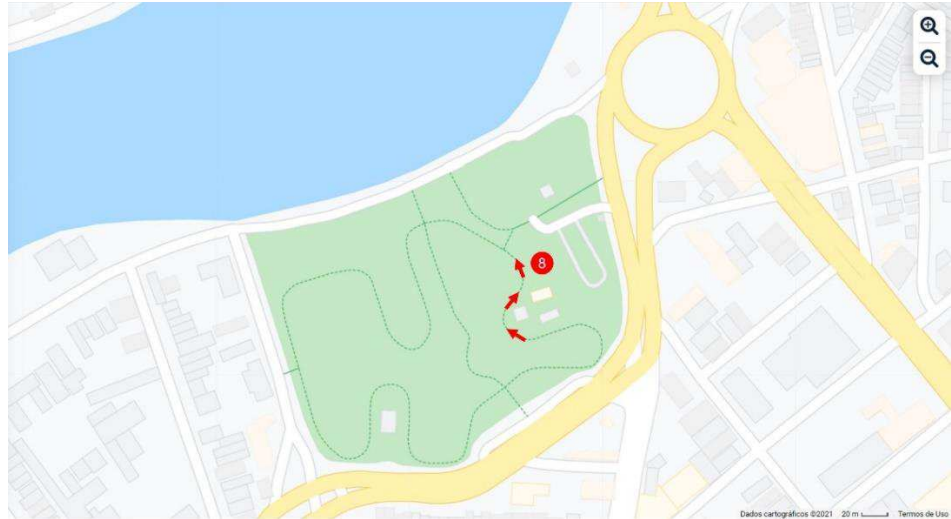
Fonte: a autora – 07/08/2021.

A indicação do setor 8 pode ser verificada na figura 26. O ponto de vista da Figura 27 (a), inicia as análises do último setor do parque. Apesar da curvatura da pista, nota-se uma nítida divisão dos ambientes. Do lado direito temos a presença de um coreto estruturado apenas com uma cobertura e pilares de sustentação e um pouco mais adiante do lado esquerdo da pista observa-se a presença de uma quadra de areia destinada para prática de vôlei com estrutura física fixa para realização de tal atividade.

A perspectiva apresentada na Figura 27 (b), proporciona a sensação de divisão do percurso, devido a presença de um acesso a segunda lanchonete do parque, estabelecida em um volume edificado próximo ao coreto. A Figura 27 (c), fecha o ciclo dos pontos de vista. Nele fica claro a diferença de desnível do parque. Observa-se

agora uma perspectiva do nível mais baixo para o mais alto, com a presença de elementos referenciais importantes para o parque, como a chaminé e a escadaria de acesso principal.

Figura 26: Indicação dos pontos de vista do setor 8.



Fonte: Adaptado de Scribble maps – 05/08/2021.

Figura 27: Pontos de vista do setor 8.



(a)

(b)



(c)

Fonte: a autora – 07/08/2021.

As análises das imagens sequenciais definidas para o percurso, permitem a compreensão dos espaços como um todo e contribuem com o entendimento do Parque da Criança mesmo para aqueles que nunca o visitaram presencialmente. Após percorrer os setores foi possível realizar observações e identificar os elementos que compõem a paisagem do parque e as principais funções que os ambientes exercem em sua relação de uso e apropriação com os usuários. Esses estudos serão destacados a seguir nos próximos tópicos.

4.1.2. Mapa mental

A seleção dos pontos mais importantes do parque com base em suas funções espaciais foi elaborada através dos princípios do mapa mental que investigam a qualidade visual da cidade através da percepção dos seus usuários. No entanto, no presente estudo apenas as percepções da pesquisadora sobre o parque foram consideradas, devido ao cumprimento do distanciamento social exigido para prevenção da Covid-19. As observações e registros no parque ocorreram em dias e horários diferentes da semana, para ampliar as possibilidades de encontrar diferentes situações de uso. As verificações foram realizadas nos dias de terça-feira, quinta-feira, sábado e domingo, e tinham duração de aproximadamente 1h cada. Na Figura 28, é possível identificar a localização dos pontos mais importantes que foram selecionados na extensão de todo o parque.

Figura 28: Principais locais do parque com base em sua função espacial.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Relata-se a seguir a descrição de cada local identificado no mapa da Figura 28, com sua respectiva numeração e características essenciais relacionadas ao uso do ambiente e usuários.

Local 1: A pista de mountain bike é utilizada com uma maior frequência nos finais de semana para a prática do ciclismo de montanha. Os usuários desse espaço são predominantemente de adolescentes e adultos do sexo masculino.

Local 2: As quadras esportivas são utilizadas frequentemente para prática de futsal, basquete e tênis. Apresentam público utilizador predominantemente masculino de adolescentes e adultos com exceção apenas para quadra de tênis que também é utilizado por mulheres em determinadas ocasiões.

Local 3: A chaminé do antigo curtume São José representa um marco histórico para o parque, ela encontra-se cercada por uma área verde arborizada com vista panorâmica que incentiva a prática de ensaios fotográficos individuais, familiares e comerciais. Costuma ser utilizada pelo público geral de homens, mulheres e crianças. Essa atividade tem se tornado cada vez mais comum em todo o parque, principalmente nas áreas mais ajardinadas que proporcionam agradáveis paisagens para os registros.

Local 4: A área de ginástica possui mobiliários urbanos específicos para prática de atividades físicas de musculação, durante a semana é utilizado frequentemente pelo público masculino de adolescentes e adultos para tal função. Já nos finais de semana o espaço passa a ser utilizado por crianças que se apropriam dos mobiliários urbanos para o desenvolvimento de diferentes tipos de brincadeiras.

Local 5: A Quadra de areia é utilizada para prática de vôlei e futevôlei. O público que utiliza comumente desse espaço corresponde a adolescentes e adultos do sexo masculino e feminino.

Local 6: A escadaria proporciona um dos acessos ao parque, além dessa função prevista tem sido utilizada frequentemente para prática de atividade física com treinos específicos de subida e descida dos degraus, outra atividade comumente observada é a de utilização dos degraus para o descanso. Os principais grupos de usuários desse local correspondem a adolescentes e adultos de homens e mulheres.

Local 7: A área pavimentada encontra-se na centralidade do parque e o divide de um extremo a outro. Por ser um espaço livre de obstáculos permite uma ampla possibilidade de atividades. Dentre as quais, destaca-se inicialmente o acesso de veículos de manutenção, segurança e saúde ao parque. A possibilidade de implementação de cenários temáticos e brinquedos móveis em datas comemorativas, a circulação de pessoas, o desenvolvimento de brincadeiras infantis, o descanso e observação dos usuários. Costuma ser utilizado frequentemente pelo público geral de crianças, homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

Local 8: A academia ao ar livre possui aparelhos destinados especificamente para a prática de diferentes tipos de exercícios físicos, além dessa função prevista, constatou-se a possibilidade recreativa atribuída aos equipamentos devido ao uso pelo público infantil. Os usuários desse espaço é o mais variado possível, durante as observações encontrou-se nesse ambiente crianças, adolescentes, adultos e idosos de ambos os sexos.

Local 9: A área verde apresenta terreno plano e fica próxima a árvores de grande copa que proporcionam sombreamento nesses espaços e estimulam diretamente na permanência das pessoas, é comum observar principalmente nos finais de semana a presença de pequenos grupos de familiares e amigos que se abrigam nesses espaços para atividades de lazer, como piquenique, descanso, festas

de aniversário, ensaios fotográficos, contemplação da paisagem, observação e participação de atividades lúdicas com crianças.

Local 10: A quadra de areia de maior extensão do parque tem sido utilizada efetivamente para prática de futebol, observa-se que o espaço abrange duas situações específicas para essa atividade, a primeira correspondente a partidas organizadas por equipes pré-selecionadas que ocupam todo o espaço e a segunda situação de divisão da quadra para dois ou mais grupos que realizam a mesma atividade dividindo o espaço entre si. Durante a realização dessa atividade é comum a presença de observadores nos bancos localizados nas laterais da quadra. Os usuários desse ambiente são predominantemente de adolescentes e adultos do sexo masculino, no entanto, eventualmente observa-se a presença feminina principalmente na segunda situação em que a quadra é dividida por mais grupos.

Local 11: O quiosque atua principalmente como abrigo. Possui uma coberta que protege os seus usuários das intempéries, bancos para descanso e balcão para armazenamento. Estimulam as interações sociais e podem contribuir como apoio do local em que estão inseridos. São utilizados com frequência por adolescentes e adultos de ambos os sexos.

Local 12: A quadra de areia não possui uma atividade definida em sua composição estrutural, por esse motivo torna-se um espaço mais flexível que suporta diferentes funções principalmente aquelas que exigem do usuário a prática de exercício físico. Foram observados no local treinamentos físicos de resistência para equipes esportivas de futebol e grupos organizados de alunos de academia. Outra prática comum é a de brincadeiras e jogos diversos. Esse ambiente costuma ser frequentado predominantemente pelo público geral de crianças, adolescentes e adultos.

Local 13: A área verde com topografia elevada e irregular proporciona ao usuário uma visão panorâmica do parque estimulando diretamente na contemplação da paisagem e a permanência das pessoas no local. É utilizado para o descanso, observação e interações sociais entre grupos de adolescentes e adultos de ambos os sexos.

Local 14: A área verde sombreada por grandes árvores contribui com as interações sociais entre os indivíduos e a proximidade com outros locais de uso

específico do parque estimulam a permanência. É comum observar nessas áreas principalmente nos finais de semana pequenos grupos que se reúnem para o lazer familiar ou entre amigos. Dentre as práticas observadas destacam-se a observação, a distância dos cuidadores de crianças, brincadeiras, jogos com bola e o descanso dos usuários. O espaço costuma ser ocupado por crianças e adolescentes de ambos os sexos.

Local 15: O Playground possui mobiliários urbanos destinados para a prática de atividades recreativas infantis. Além de utilizar os mobiliários as crianças se apropriam do espaço para realizar outros tipos de brincadeiras. Os responsáveis auxiliam nessas práticas e observam as crianças em suas atividades. O público utilizador desse ambiente corresponde principalmente a crianças de diferentes faixas etárias e seus acompanhantes adultos, tanto de homens quanto de mulheres.

Local 16: A área verde é utilizada para prática de atividades recreativas principalmente de jogos com bola, comporta-se como um suporte para outras atividades que ocorrem em seu entorno como permanência e lazer de familiares e amigos. O ambiente costuma ser utilizado pelo público geral de crianças, adolescentes e adultos.

Local 17: A lanchonete possui uma estrutura física e permanente no parque. Porém, a utilização dos serviços desse equipamento realiza-se na área externa de sua fachada. O ambiente aberto com vista agradável e com mobiliários específicos contribui com a permanência dos consumidores e apropriação do espaço que costuma ser mais frequentado nos finais de semana pelo público geral de todas as faixas etárias e ambos os sexos.

Local 18: O Playground possui mobiliários urbanos que circundam a delimitação do ambiente em que estão inseridos. Os mobiliários são utilizados efetivamente para o desenvolvimento de brincadeiras infantis e o espaço vazio central também costuma ser utilizado para outras atividades recreativas das crianças. A participação dos acompanhantes das crianças torna-se mais efetiva quando contribuem com o uso dos aparelhos e mais passiva quando estão apenas como observadores em repouso nos bancos. Os usuários predominantes do espaço correspondem principalmente a crianças de diferentes faixas etárias e seus responsáveis adultos, tanto de homens quanto de mulheres.

Local 19: A pista de caminhada e corrida é utilizada frequentemente para prática de atividades físicas e circulação de pessoas nos diferentes locais do parque. Outra atividade comum principalmente nos finais de semana é o uso de bicicletas, patins e patinetes pelo público infantil. A pista em todo seu percurso é utilizada por crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Local 20: A área pavimentada é utilizada com uma maior frequência nos finais de semana para atividade comercial informal de produtos infantis e alimentares por vendedores ambulantes que se estabelecem no espaço. Durante a semana o local é utilizado para o descanso e circulação das pessoas. O perfil de usuários é predominante de crianças e adultos.

Local 21: O Playground é utilizado para o desenvolvimento de brincadeiras de crianças de menor faixa etária devido ao mobiliário urbano presente no espaço. Os adultos que utilizam o ambiente são em sua maioria os responsáveis pelas crianças e atuam como observadores em repouso ocupando setores que proporcionem um melhor campo de visão sem que seja necessária interferência durante as atividades infantis.

Local 22: A pista de skate é utilizada efetivamente para prática do esporte previsto, os usuários em sua maioria costumam ser de crianças, adolescente e adultos predominantemente do sexo masculino.

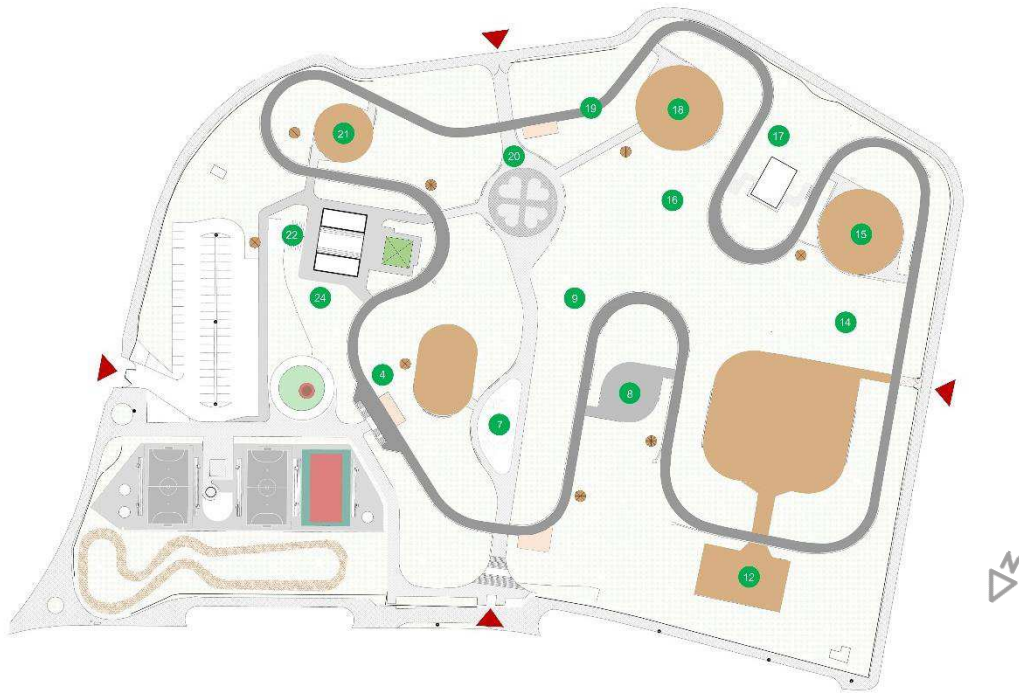
Local 23: O coreto corresponde à uma estrutura aberta com cobertura que é usualmente utilizado durante a semana para aplicação de aulas de dança gratuita destinada a população. O local é utilizado eventualmente também para demais eventos sociais. Recentemente foi um dos pontos escolhidos de vacinação contra a Covid-19. O ambiente costuma ser mais utilizado por adolescentes e adultos com predominância do público feminino.

Local 24: A lanchonete possui uma estrutura física no parque e corresponde a uma atividade comercial, o equipamento se apropria do entorno para abrigar os seus consumidores estimulando a permanência dos usuários. Abrange o grupo de crianças, adolescentes e adultos com uma maior frequência durante os finais de semana.

Após as análises gerais dos 24 locais mais importantes do parque identificados pelo observador pesquisador. É possível identificar a localização dos espaços mais

utilizados por crianças. Esses pontos podem ser averiguados na Figura 29. Dentre esses destacam-se os pontos 15, 18 e 21, que possuem mobiliários urbanos infantis e necessitam de uma análise mais aprofundada de ocupação que ocorre nos próximos tópicos da pesquisa.

Figura 29: Principais locais do parque com base em sua função espacial frequentados pelo público infantil.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Dentre os espaços mais utilizados por crianças evidencia-se os ambientes que possuem mobiliários urbanos específicos para o público infantil. Observam-se na Figura 30, os mobiliários implantados na área do primeiro playground que tem como objetivo atender as necessidades das crianças e de seus acompanhantes. Destaca-se a presença das seguintes tipologias nesse setor: gangorra; multifuncional; quiosque; banco e lixeira. Existem ainda nesse espaço mobiliários simbólicos que correspondem a elementos naturais e artificiais estabelecidos no setor que são utilizados para uma função que não foi prevista. É o caso da escada; pedra; grama e areia, que são utilizados como assento por aqueles que utilizam o espaço.

Figura 30: Mobiliários urbanos do primeiro playground.



(a)



(b)



(c)



(d)

Fonte: a autora – 16/05/2021.

O segundo playground apresenta um novo mobiliário urbano infantil, é o caso da tipologia de carrossel, que pode ser verificado na Figura 31. São predispostos no espaço quatro brinquedos que variam apenas a cor em tons de verde escuro e claro, vermelho e amarelo. Os outros mobiliários urbanos observados já foram retratados anteriormente, como é o caso do quiosque, lixeira e dos bancos que circundam parte do espaço.

Figura 31: Mobiliários urbanos do segundo playground.



(a)

(b)

Fonte: a autora – 16/05/2021.

O terceiro playground apresenta um mobiliário de minicidade, como pode ser constatado na Figura 32. Semelhante aos demais setores infantis, também possui um quiosque, lixeira e bancos que circundam a área.

Figura 32: Mobiliários urbanos do terceiro playground.



(a)

(b)



(c)

Fonte: a autora – 16/05/2021.

Os tipos mobiliários urbanos que constituem as três áreas de playground do parque podem ser verificados resumidamente no Quadro 2.

Quadro 2: Características dos três playgrounds.

AMBIENTE	MOBILIÁRIO URBANO	QUANTIDADE
Primeiro playground	Gangorra	3
	Multifuncional	1
	Quiosque	1
	Banco	1
	Lixeira	2
Segundo playground	Carrossel	4
	Quiosque	1
	Banco	2
	Lixeira	2
Terceiro playground	Minicidade	1
	Quiosque	1
	Banco	2
	Lixeira	2

Fonte: a autora.

Após as investigações das funções espaciais do parque foi possível identificar a ocupação das crianças nas demais áreas que não correspondem aos setores dos playgrounds. Dentre essas, destacam-se os espaços com a presença de mobiliários

urbanos que não foram planejados especificamente para o público infantil. É o caso das áreas de ginástica e da academia ao ar livre que podem ser verificadas na Figura 33 (a) e 33 (b). Constata-se a partir das observações que as crianças apresentam uma facilidade de transformar as funções dos objetos para exercer diferentes tipos de brincadeiras presentes em seu imaginário.

Figura 33: Mobiliários urbanos das demais áreas do parque que são utilizados pelo público infantil.



(a)

(b)

Fonte: a autora – 16/05/2021.

4.1.3. Mapa psicogeográfico

A análise de ocupação e apropriação do espaço urbano pelo pedestre ao andar sem rumo, à deriva. Foi realizada através do embasamento teórico proposto pelo mapa psicogeográfico. O estudo dá-se exclusivamente nos setores cinco, seis e sete no qual estão localizadas as áreas de playground que possuem mobiliários urbanos específicos para o público infantil.

Para ampliar as possibilidades de situações e vivências encontradas nesses espaços utilizou-se dos princípios da temporalidade, uma das variáveis adotadas por Guedes (2005). As observações e registros ocorreram em dias e horários diferentes da semana. O primeiro registro em uma terça-feira no turno da manhã e da tarde e o segundo registro em um domingo no turno da manhã e da tarde. Os horários pré-estabelecidos foram das 9h15 às 10h15 e das 16h15 às 17h15.

A apreciação ocorre para cada playground em um intervalo de 10 a 15 minutos aproximadamente, a presença predominante de crianças torna essas áreas extremamente dinâmicas, os cenários transformam-se rapidamente e novos ciclos se

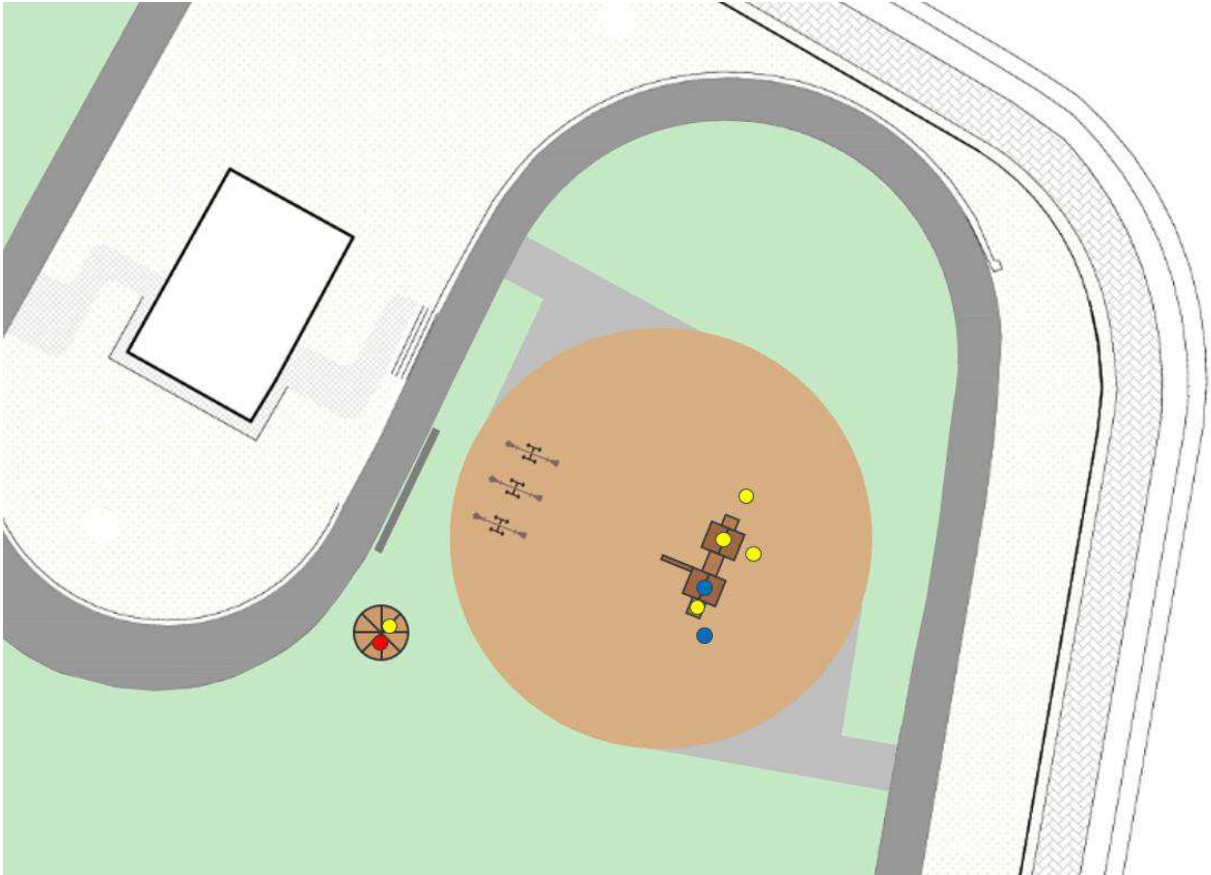
iniciam mudando a composição inicial do primeiro registro fotográfico. Por esta razão coletam-se as informações que ocorrem apenas dentro do intervalo determinado para concluir as etapas de atividades e finalizar o mapeamento.

Relatam-se a seguir as investigações que ocorreram no playground 1 em diferentes circunstâncias. Durante a semana no período da manhã observa-se dois ciclos de atividades dentro do intervalo previsto, o primeiro inicia-se com a presença de duas crianças utilizando o mobiliário multifuncional para sua função de percurso, enquanto sua responsável permanece em repouso no quiosque acompanhada de uma criança de colo sem interferir nas atividades atuando apenas como observadora a distância.

Em seguida um novo ciclo inicia-se com a presença de dois homens e duas crianças sendo uma delas de colo. Diferentemente da situação anterior, os dois homens participavam das atividades com as crianças. Um deles inclusive entra no mobiliário multifuncional para auxiliar a criança mais nova a descer no escorregador enquanto o outro aguarda no lado de fora para pegar a criança.

Essa situação acaba inibindo a continuação das brincadeiras dos meninos do primeiro ciclo que decidem deixar o espaço logo em seguida com sua responsável. Nota-se claramente que a interferência ativa dos adultos no mobiliário contribuiu com a não utilização deste por outras crianças que não fazem parte do seu convívio social. Observa-se na Figura 34, a posição espacial que se encontrava esses usuários, predominantemente próximos aos mobiliários urbanos.

Figura 34: Esquema de ocupação do primeiro playground durante a semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Diferentemente do período da manhã, o turno da tarde de terça-feira abrangeu uma maior quantidade e diversidade de ocupação de usuários e atividades desenvolvidas. Tanto o mobiliário urbano quanto o seu entorno imediato eram utilizados e apropriados. Essa situação não é exclusiva nas áreas do playground, em todo o parque nota-se que existe um maior público no período da tarde do que no período da manhã para os dias de semana.

As observações do primeiro ciclo iniciam-se com a presença de dois grupos de usuários, o primeiro grupo de três mulheres e duas crianças localizadas na área verde do entorno imediato do playground, que interagem com o espaço e entre si através das observações das crianças em suas atividades, descanso, conversas, alimentação e registros fotográficos. Um típico lazer estilo piquenique com toalhas superpostas na grama.

O segundo grupo permanece na faixa de areia e é composto por três mulheres, um homem e nove crianças. Ambos organizam uma gincana que envolve o mobiliário

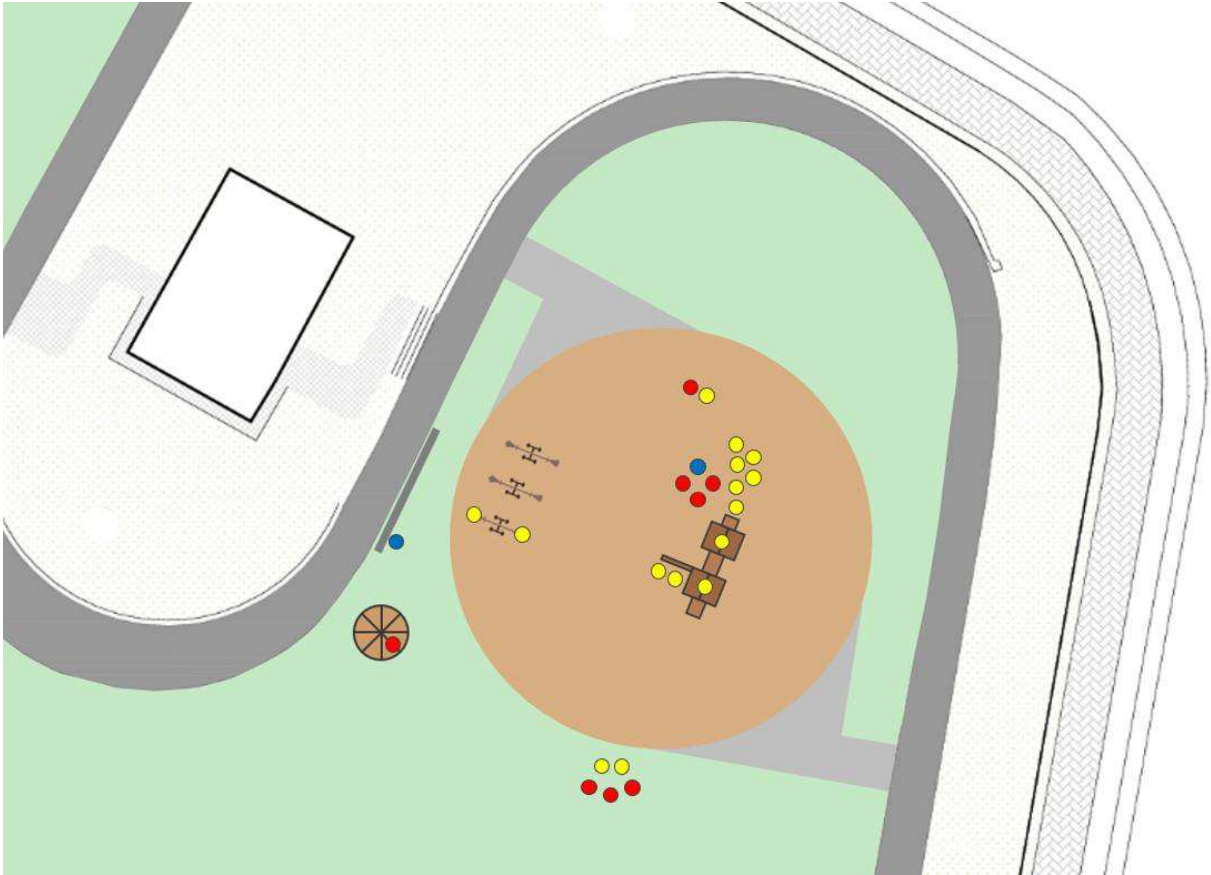
multifuncional como início e chegada da brincadeira. Cria-se um percurso com obstáculos, com as seguintes atividades: passar entre sandálias, circundar a gangorra, chutar a bola, subir no mobiliário e descer no escorregador para finalizar a atividade. Em todo o momento a participação desses quatro adultos era ativa de modo a incentivar o uso e forma-se fila para atuação de cada criança.

O ciclo dois inicia-se com a chegada de novos usuários, um homem se estabelece no banco e passa a observar suas duas crianças na gangorra, após aproveitarem o mobiliário e ficarem constrangidas em brincar no multifuncional devido a presença de outras pessoas logo pedem ao seu responsável para sair do espaço. As crianças da gincana vão se dispersando e rapidamente inicia-se uma nova atividade de jogar bola na faixa de areia sem a presença dos adultos. Não demora muito e todos saem para uma área verde mais afastada para se confraternizarem.

O ciclo dois continua com a presença de uma mulher e uma criança pequena sentados na faixa de areia brincando de construir elementos lúdicos como castelos. Outra criança começa a utilizar os brinquedos enquanto sua responsável se abriga no quiosque. Na Figura 35, é possível observar a localização dos usuários relatados durante suas principais atividades.

Começa-se a evidenciar no playground 1 que os responsáveis de crianças menores interagem mais como auxiliares durante a realização das atividades das crianças e que os responsáveis de crianças maiores atuam na maior parte do tempo como observadores a distância e que a depender do tipo de participação que os adultos exerçam no espaço podem influenciar positivamente ou negativamente na utilização dos brinquedos e espaços por outras crianças que não são do seu convívio pessoal. O que nos leva a questionar a necessidade de mobiliários urbanos infantis que considerem diferentes faixas etárias para abranger essas diversas situações.

Figura 35: Esquema de ocupação do primeiro playground durante a semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

O período de investigações da manhã do domingo apresenta uma situação bem distinta dos casos apresentados durante a semana. Observa-se uma intensa ocupação do espaço o que equivale a mais que o dobro de usuários apresentados anteriormente.

Dentre as diferenças de ocupação, destaca-se a utilização efetiva das áreas verdes do entorno como atividades complementares ao uso dos mobiliários urbanos presentes no playground. O registro das atividades começa com a presença de um grupo de duas mulheres, um homem e um bebê embaixo de uma árvore fazendo piquenique, tocando violão e cantando enquanto tinham os olhos voltados para a faixa de areia, o que indica que eram responsáveis por outras crianças presentes no playground.

Semelhantemente, permanecia em repouso ainda na área verde uma mulher, um homem e um bebê embaixo de uma árvore descansando e contemplando a paisagem. Da mesma, forma relata-se ainda a presença de duas mulheres embaixo

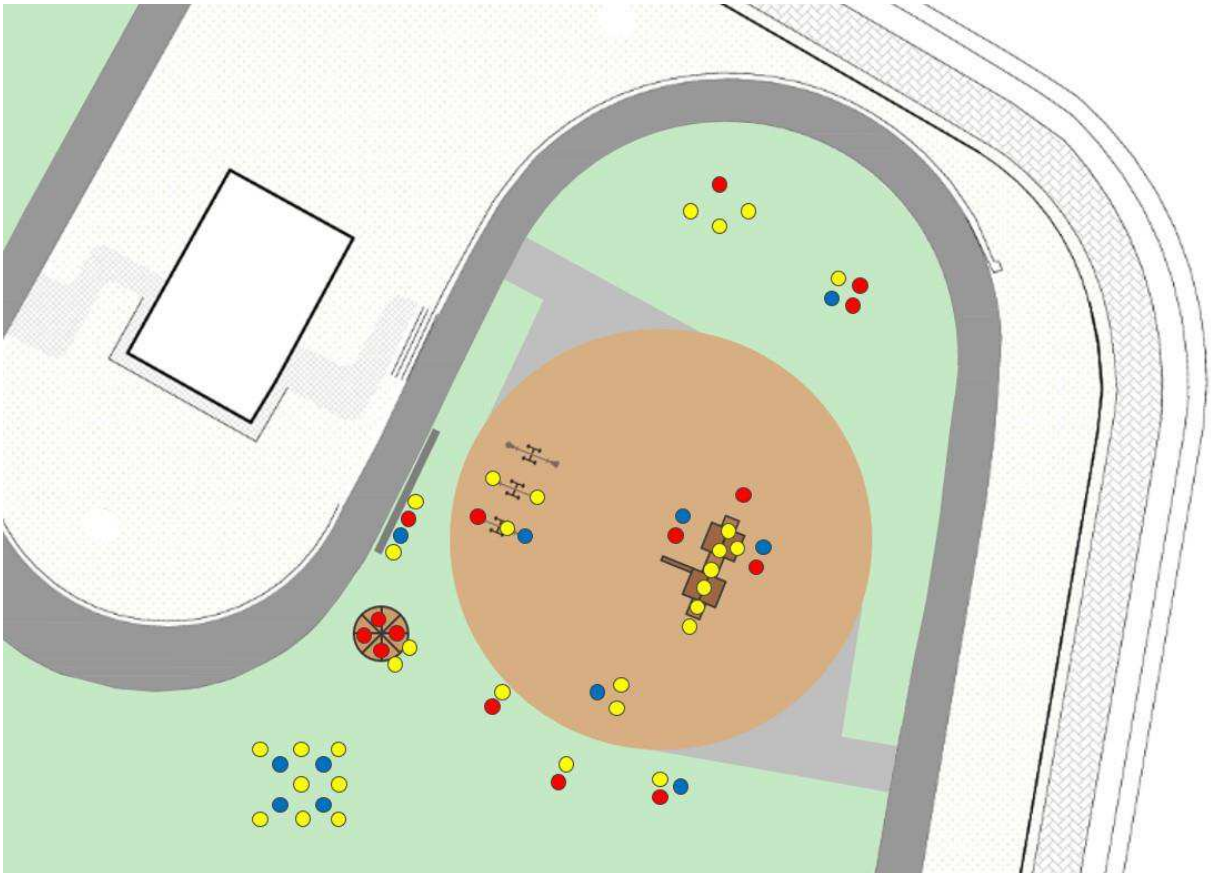
das árvores acompanhadas respectivamente de duas crianças que conversavam e tiravam fotos. É comum nesses casos que as crianças utilizem os mobiliários e retornem aos seus acompanhantes tornando essa atividade cíclica.

As áreas verdes também eram utilizadas para realização de atividades físicas, aprecia-se no período da manhã duas situações distintas, a primeira de um grupo de quatro homens e oito crianças jogando bola, e a segunda de uma mulher e três crianças correndo. O quiosque permanece ocupado por quatro mulheres e dois bebês. O mobiliário atua como abrigo e é utilizado para armazenar objetos pessoais dos usuários. As mulheres ficam a todo momento atentas às demais crianças presentes no playground. Do mesmo modo, um homem e uma mulher com duas crianças sentados no banco observam as vivências que ocorrem no ambiente.

Duas das três gangorras são utilizadas, a primeira delas por uma mulher e um homem que carrega um bebê e a segunda por duas crianças. É comum observar no parque que os acompanhantes de crianças de menor faixa etária costumam participar ativamente nas atividades, o que inclui utilizar os mobiliários específicos para o público infantil. No mobiliário multifuncional sete crianças brincam livremente enquanto seus responsáveis que correspondem a três mulheres e a dois homens encontra-se no entorno imediato observando e auxiliando nas atividades.

O auxílio nesse caso resume-se a ajudar as crianças a subirem no mobiliário. Outra atividade que ocorre na faixa de areia e não está relacionada ao mobiliário é a construção de elementos formais constituídos por areia por duas crianças com a supervisão de um homem. Todas essas informações evidenciam-se na Figura 36.

Figura 36: Esquema de ocupação do primeiro playground durante o final de semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

O período da tarde do domingo possui uma maior ocupação se comparado com o período da manhã do mesmo dia. Essa circunstância também ocorre na terça-feira. Durante as análises constatou-se que o turno da tarde se torna mais efetivo para apropriação do ambiente. Dentre os motivos destaca-se o fator ambiental de sol intenso no turno da manhã que dificulta a permanência das pessoas no local.

O turno da tarde, de modo semelhante ao turno da manhã, possui uma intensa ocupação nas áreas verdes. Os usuários se estabelecem praticamente nos mesmos locais predominantemente arborizados. No entanto, novas atividades foram observadas. A primeira delas corresponde a um grupo de sete mulheres e um homem que ocupam a área verde embaixo de uma árvore com uma caixa de som, eles se alimentam e dançam no espaço próximo aos brinquedos.

A segunda atividade registrada é a prática de vôlei de uma equipe de cinco homens e uma mulher. Como o espaço não possui características específicas para tal atividade os usuários posicionam entre duas árvores uma rede de vôlei e começam a

jogar no ambiente estipulando uma linha imaginária que delimita o espaço. A terceira atividade é a de descanso com a implementação de uma rede de dormir entre duas árvores, enquanto um homem estava deitado na rede, próximo a ele estava uma mulher com uma criança pequena brincando, ambos eram do mesmo convívio social.

A quarta atividade condiz ao comércio informal, com a presença de dois vendedores ambulantes, um dos vendedores localizado na faixa de areia vendia algodão doce e outro na pista de caminhada vendia picolé e sorvete. A quinta atividade corresponde ao repouso de um homem e uma mulher em uma pedra, enquanto estavam sentados observavam as crianças brincando. As demais pessoas que ocupavam as áreas verdes desenvolviam atividades já observadas anteriormente como descanso, piquenique, interação social, contemplação da paisagem, observações e brincadeiras com as crianças.

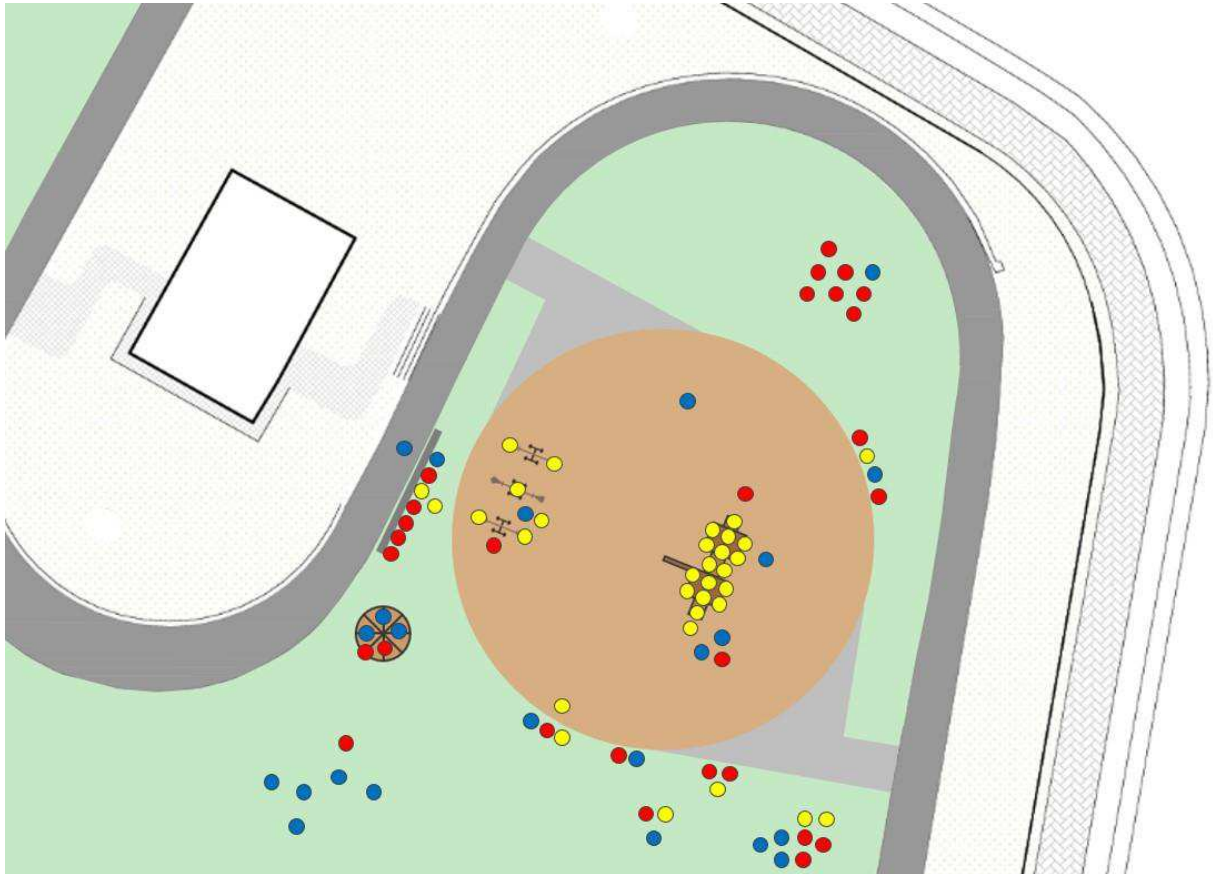
O quiosque estava ocupado por três homens e duas mulheres, porém a divisão e o posicionamento das pessoas no espaço indicam que não eram grupos do mesmo convívio social. O compartilhamento do quiosque é frequente em situações de alta ocupação do parque como o relatado no domingo à tarde ou quando as condições climáticas não são favoráveis aos usuários, o que os pressiona a compartilhar o ambiente com pessoas que não conhecem para permanecerem por mais tempo.

Observa-se uma intensa ocupação dos bancos por cinco mulheres, um homem e duas crianças. É comum que as crianças retornem aos bancos onde seus responsáveis estão localizados e aguardam condições mais favoráveis a retornarem aos brinquedos quando existe uma alta taxa de ocupação. Nesse caso, tanto as gangorras quanto o multifuncional estavam em uso constante.

Foram contabilizados no mobiliário multifuncional uma ocupação de dezessete crianças compartilhando o brinquedo ao mesmo tempo, maior ocupação observada até então e a presença de três homens e duas mulheres nas proximidades do equipamento observando e auxiliando as crianças em suas atividades. As gangorras também permaneciam ocupadas com frequência, duas delas por duas crianças respectivamente e uma delas por criança posicionada na centralidade do brinquedo. Uma mulher supervisionava as brincadeiras e nas proximidades um homem e uma criança permaneciam sentados brincando na areia. As situações mudavam rapidamente e constantemente no espaço. As principais configurações desse cenário

podem ser observadas na Figura 37. Fica evidente na situação apresentada uma superlotação do playground 1 e o déficit de mobiliários urbanos para comportar as crianças e seus cuidadores durante as atividades. Ocasionalmente ocasionando a saída desses usuários em um menor intervalo de tempo.

Figura 37: Esquema de ocupação do primeiro playground durante o final de semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Relata-se a seguir as investigações que ocorreram no playground 2 em diferentes ocasiões. As observações do período da manhã de terça-feira iniciam-se com a presença de um homem, uma mulher e uma criança de colo posicionados dentro do quiosque. As atividades constatadas são de descanso, conversas, registros fotográficos e entretenimento do bebê.

Um novo ciclo inicia-se com a chegada de dois homens e duas crianças, os mesmos que já foram observados no playground 1. Mas para essa situação apenas um dos homens participava ativamente das atividades com as meninas dentro do carrossel, enquanto o outro se abrigava no quiosque compartilhando o espaço com

outras pessoas que em seguida se retiraram do local. O posicionamento desses usuários pode ser verificado na Figura 38.

A troca de setores motivada pela presença de diferentes tipos de mobiliários urbanos é observada efetivamente nessa situação, as crianças e seus acompanhantes buscam a diversidade que as diferentes áreas de playground proporcionam independentemente de o mobiliário corresponder ao perfil de usuário de outra faixa etária. Semelhante a essa situação observa-se o revezamento de crianças entre os carrosséis. Embora possuam a mesma estrutura física, a sua diferenciação por cor e localização motivam as crianças a utilizarem todos os brinquedos que estejam desocupados.

Figura 38: Esquema de ocupação do segundo playground durante a semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

As análises para o período da tarde de terça-feira, diferentemente do período da manhã do mesmo dia, apresentam mais diversidade de uso como pode ser observado na Figura 39. O registro de ocupação começa com três dos quatro carrosséis ocupados em três situações distintas. A primeira situação corresponde ao

carrossel vermelho com a presença de duas crianças, uma delas dentro do brinquedo e a outra do lado de fora auxiliando na rotação do aparelho.

Semelhantemente a mesma ação ocorre no carrossel verde claro com a diferença de que quem estava auxiliando a movimentação do brinquedo era uma mulher, enquanto uma criança estava dentro do mobiliário e a terceira situação era de duas crianças dentro do mobiliário brincando sem a necessidade de nenhum tipo de interferência externa.

Essa conjuntura evidencia que para a plena utilização do carrossel, faz-se necessário um grupo maior de crianças para girar o brinquedo na parte interna em sua totalidade sem que seja necessária a interferência externa como relatado nas duas situações anteriores quando o mobiliário era utilizado por crianças que brincavam sozinhas ou em pequenos grupos que não possuíam tanta força física. O que revela a deficiência do produto quanto a sua acessibilidade para esses casos específicos.

Nos bancos que circundam o playground encontram-se em repouso uma mulher e um homem que observam as crianças em suas atividades. Em um determinado momento um casal se aproxima para conversar com o homem que está sentado e logo em seguida se retiram. O quiosque permanece ocupado por dois homens que contemplam a paisagem sem vista para as crianças o que confirma que os usuários das demais áreas do parque também se posicionam próximos as áreas infantis mesmo que não as utilize efetivamente contribuindo diretamente com sua ocupação e o ciclo de análise termina com a chegada de uma mulher e uma criança ocupando a faixa de areia central para jogar bola sem que seja necessário nenhum tipo de conexão com os mobiliários validando essas áreas de circulação entre os produtos urbanos como atividades complementares.

Figura 39: Esquema de ocupação do segundo playground durante a semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

O período da manhã do domingo apresenta uma pequena apropriação das áreas verdes do entorno imediato do playground 2, até então não constatadas anteriormente nesse local. Observam-se três situações distintas, que ocorrem com a presença dos usuários embaixo das árvores, utilizando-as principalmente como abrigo temporário das condições climáticas presentes no ambiente.

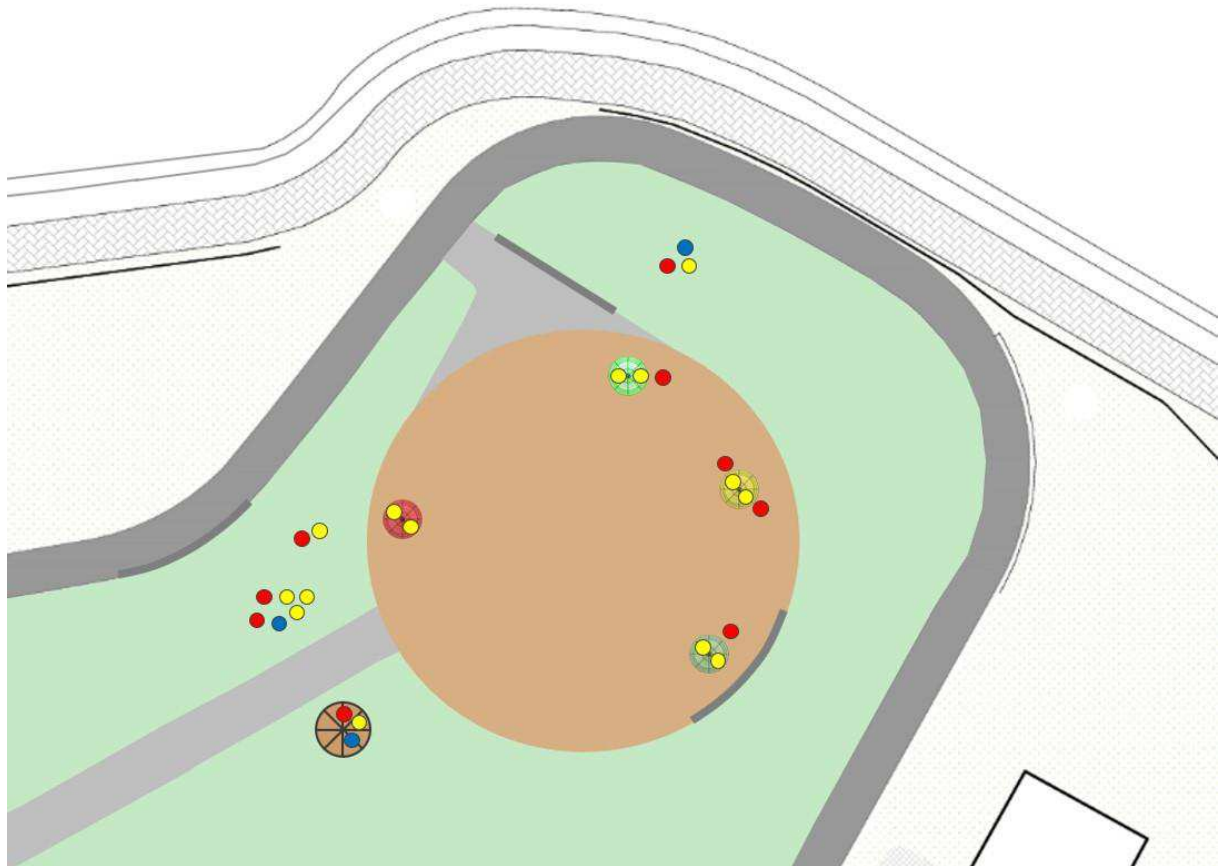
A primeira situação corresponde a uma mulher com uma criança sentados na grama contemplando a paisagem, a segunda situação ocorre com a presença de duas mulheres e um homem sentados em cadeiras de praia móveis observando as três crianças que são responsáveis em suas atividades e a terceira situação condiz a presença de um uma mulher e um homem segurando um bebê em posição vertical conversando a distância com uma mulher próxima ao carrossel verde claro que estava auxiliando duas crianças dentro do brinquedo.

Durante as análises, todos os carrosséis se mantiveram ocupados por duas crianças cada e em três deles observa-se a presença de mulheres que auxiliavam as crianças em suas atividades como as de rotacionar o mobiliário. No final das análises

o carrossel vermelho foi ocupado por um homem e uma mulher, acompanhantes das duas crianças presentes no brinquedo, em seguida um dos seguranças apareceu e pediu para que se retirassem. O que indica que os adultos não devem utilizar o mobiliário infantil. No entanto, essa foi a única intervenção identificada.

O sol intenso e ausência de sombra nos bancos no turno da manhã contribuíram para a não utilização destes durante o período de análises. O que demonstra uma lacuna projetual no ambiente. Em contrapartida, o quiosque com cobertura mantinha-se ocupado por uma mulher, um homem e uma criança. As ocupações relatadas nesse espaço podem ser verificadas na Figura 40.

Figura 40: Esquema de ocupação do segundo playground durante o final de semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Os mesmos bancos que se mantinham desocupados no período da manhã do domingo apresentaram a maior ocupação observada no turno da tarde do mesmo dia. O que demonstra que para essa situação as condições ambientais são mais favoráveis ao uso. Tendo em vista que a estrutura física dos bancos não pode ser alterada. Destaca-se, no entanto, que não são todos os utilizadores dos bancos que

têm os olhos voltados para a área de playground. O que indica que esse espaço não é o único atrativo de utilização desse mobiliário.

O banco um, possui ocupação de três mulheres e o banco dois, possui ocupação de três mulheres e dois homens, ambos estão voltados para faixa de areia onde estão localizados os brinquedos do playground. Mesmo que a distância, estão conectados com o espaço através das observações e o contato das crianças que retornam dos mobiliários aos seus acompanhantes. Já o banco três possui apenas quatro mulheres com vista para o playground onde estão localizadas duas crianças pequenas brincando com a areia.

Os demais usuários do banco três, correspondem a grupos distintos de convívio social. O primeiro deles de duas mulheres, uma criança e um homem. O segundo de cinco mulheres e o terceiro de dois homens. Ambos estão com vista para a pista de caminhada e lanchonete. E interagem com seus acompanhantes enquanto permanecem sentados. Devido a taxa de ocupação elevada no domingo à tarde, os usuários que desejam permanecer por mais tempo no parque procuram locais de descanso favoráveis mesmo que não possuam conexão com as atividades exercidas no local.

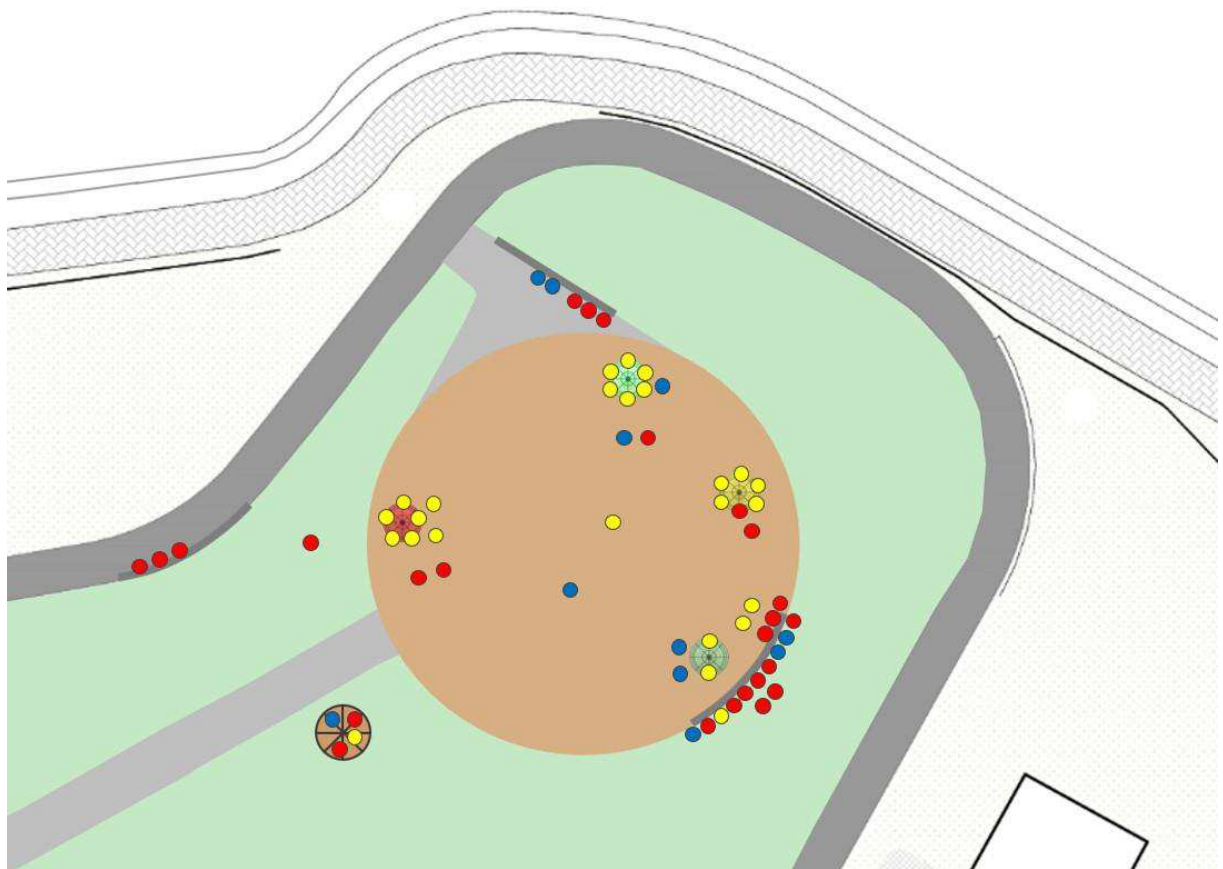
Os mobiliários infantis também tiveram a maior ocupação até então observada, os quatro carrosséis mantiveram-se ocupados durante todo o período de análises, como retratado na Figura 41. Para cada equipamento evidencia-se a presença de adultos nas proximidades como observadores e auxiliares na realização das atividades das crianças. Fora o uso do mobiliário a faixa de areia também era utilizada para jogar bola por um homem e uma criança.

O carrossel vermelho foi ocupado por cinco crianças em seu interior e no exterior encontravam-se duas crianças ajudando na rotação do aparelho. Assim como a presença de duas mulheres observando as brincadeiras a distância. Já o carrossel verde claro estava ocupado por seis crianças e um homem que auxiliava a brincadeira exercendo força no mobiliário e um casal de responsáveis que observava a distância as atividades desenvolvidas.

O carrossel amarelo estava ocupado por cinco crianças e uma mulher dentro do brinquedo e na parte externa havia um acompanhante auxiliando na rotação. Da mesma forma, o carrossel verde escuro estava ocupado por duas crianças e dois

homens ajudavam na brincadeira. Após os registros é praticamente impossível dissociar a participação ativa dos adultos nessa área recreativa destinada ao público infantil. O quiosque presente no entorno imediato também se manteve apropriado por duas mulheres, um homem e uma criança durante as investigações e área verde deteve sua ocupação reduzida no turno da tarde, apenas com a presença de uma mulher embaixo da árvore observando as crianças no playground o que revela a preferência dos usuários em permanecer em repouso nos bancos.

Figura 41: Esquema de ocupação do segundo playground durante o final de semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

Descrevem-se a seguir as investigações realizadas no playground 3 para quatro situações distintas. A primeira situação inicia-se no período da manhã de terça-feira no qual não foram observadas nenhuma ocupação e atividade dentro do intervalo previsto de 10 a 15 minutos de investigação. Como pode ser verificado na Figura 42. Esse cenário colabora com o pressuposto de que o parque possui um maior uso durante o período da tarde em dias de semanas.

Figura 42: Esquema de ocupação do terceiro playground durante a semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

A conjuntura para o período da tarde do mesmo dia é completamente diferente da situação anterior. As articulações no espaço proporcionam apropriação e garantem plena vivência no ambiente. O ciclo começa com a presença de duas mulheres e um homem em repouso na área verde sombreada por grandes árvores. O espaço estimula a permanência dos usuários e favorece as observações a distância das crianças em suas atividades na faixa de areia.

Os bancos locados próximos a essa área também usufruem de sombra e ventilação proporcionados pela vegetação presente no entorno. Fator que contribui com a utilização do mobiliário. Durante as investigações observou-se a presença de três mulheres em repouso e um bebê. Ambas estavam atentas as suas crianças durante o desenvolvimento de suas brincadeiras. O mesmo ocorria no banco oposto com a presença de uma outra mulher.

É importante destacar que uma das principais atividades identificadas durante as análises de campo dos acompanhantes das crianças é o ato de observação a distância, e que para tal ação fazem-se necessárias condições favoráveis para

efetivação de sua prática. Destacam-se os quiosques, bancos e áreas verdes sombreadas com vista para os playgrounds como mobiliários e ambientes efetivos que auxiliam nessa atividade e que, portanto, devem ser eficientes aos seus usuários.

O mobiliário é utilizado efetivamente por cinco crianças ao mesmo tempo. Destaca-se a presença de um homem e de duas mulheres dentro do brinquedo auxiliando respectivamente três crianças menores em suas atividades. Fator que não inibe as crianças maiores a continuarem brincando no espaço devido a setorização que o próprio brinquedo proporciona. Na Figura 43, pode ser verificado a localização de cada grupo de usuários que permanecem separados pela própria divisória do equipamento.

O público infantil durante a utilização do mobiliário urbano exerce diferentes atividades, passam por todas as casinhas, se escondem, pulam muros e se penduram nas faixas metálicas. Todo percurso estabelecido pelo mobiliário com característica de minicidade é de fato utilizado por seus usuários. O que demonstra a apropriação do público pelo mobiliário.

No final do período determinado de análises, observou-se a retirada de duas mulheres e de duas crianças que relataram a uma colega antes de sua saída que estavam se destinando às outras áreas do playground 1 e 2 do parque. O que demonstra a necessidade de diversificação de atividades requeridas pelos utilizadores, circunstância já observada anteriormente que pode estar diretamente relacionada com a consolidação do Parque da Criança como um dos espaços livres públicos de lazer mais qualificados da cidade por possuir vários usos.

Figura 43: Esquema de ocupação do terceiro playground durante a semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

As investigações no dia de domingo no turno da manhã contribuíram para evidenciar o potencial atrativo das áreas que envolvem o playground 3. Até o momento com menor número de ocupação se comparado com os demais playgrounds durante o período de análises realizados na terça-feira.

Descrevem-se a seguir as principais atividades observadas no turno da manhã de domingo. Iniciam-se as discussões pelo registro de ocupação das áreas verdes. A primeira atividade constatada foi a de festa de aniversário infantil ao ar livre pelo grupo de quatro homens, quatro mulheres e quatro crianças. Que decoraram o ambiente com balões e comidas típicas que representam a festividade.

A segunda atividade é a prática de *slackline*, por duas crianças e um homem. A fita foi posicionada entre duas árvores e as crianças andavam e faziam manobras durante o percurso, enquanto recebiam instruções do homem que os acompanhava.

A terceira atividade, e a mais comum realizada nas áreas verdes do parque, é a prática de piquenique. Durante as investigações foram observados dois grupos

sentados na grama com alimentos distribuídos sob toalhas. O primeiro grupo de duas mulheres, um homem e uma criança e o segundo grupo de duas mulheres, dois homens e três crianças. Essa mesma atividade também foi observada no quiosque, no entanto com os alimentos armazenados na bancada. Os usuários eram dois homens e duas mulheres.

Ainda nas áreas verdes destaca-se a presença de duas mulheres sentadas acompanhando as atividades de duas crianças pequenas na faixa de areia. Semelhantemente ocorre para o grupo de duas mulheres, um homem e duas crianças, que auxiliam as brincadeiras na área ajardinada. É possível identificar que durante o desenvolvimento das tarefas das crianças, os adultos responsáveis costumam interagir entre si. Mesmo que aparentemente não seja do mesmo convívio social.

As observações à distância dos adultos ocorrem na área verde e nos bancos. Enquanto as crianças brincam livremente no mobiliário infantil os seus acompanhantes permanecem atentos as suas atividades. Na área verde destaca-se a presença de dois homens e duas mulheres em pé, embaixo das árvores exercendo essa função principal.

O banco um permanece ocupado por dois grupos, o primeiro grupo corresponde a uma mulher, um homem e uma criança que havia acabado de chegar do seu passeio de bicicleta realizado na pista de caminhada e o segundo grupo de um homem e uma criança e o banco dois, estava ocupado apenas por um homem. Embora os bancos sejam iguais, o banco dois, não está localizado em uma área sombreada no turno da manhã, fator que dificulta a permanência dos usuários no local.

O mobiliário infantil durante as investigações obteve um registro de ocupação de oito crianças brincando ao mesmo tempo no mobiliário. É possível observar ainda a presença de um homem e uma mulher nas proximidades do brinquedo auxiliando as crianças menores durante as atividades. Durante as análises constatou-se a predominância de crianças de menor faixa etária no ambiente. Dentre os fatores para tal situação destaca-se a escala reduzida do mobiliário de “minicidade” que facilita o uso e condições ambientes mais favoráveis. O registro de ocupação pode ser verificado na Figura 44.

Figura 44: Esquema de ocupação do terceiro playground durante o final de semana no período da manhã.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

O período da tarde do domingo também apresenta ocupação constante nos bancos e quiosque. O quiosque permanece ocupado por três mulheres e um homem e os bancos se mantêm ocupados por quatro mulheres, dois homens e uma criança. Ambos os usuários permanecem em repouso e observam as crianças em suas atividades.

Na extensão da área verde percebe-se a ocupação de três grupos distintos, dois deles, no entanto, estão locados em espaços até então não utilizados para o descanso. É o caso do grupo um, composto por dois homens e uma mulher, e o grupo dois, composto por uma mulher e uma criança. Ambos estavam sentados embaixo das árvores, enquanto contemplavam a paisagem. Já o grupo três, era constituído por duas mulheres sentadas, que interagiam entre si, enquanto um homem brincava de jogar bola com uma criança nas proximidades.

A faixa de areia obteve uma ocupação simultânea de dezoito crianças, é possível observar na Figura 45, que essas crianças se enquadravam em três

categorias. A primeira delas é composta por oito crianças, que brincam correndo em grupo em volta do mobiliário e espaço de playground. A segunda categoria é composta por duas crianças que permanecem sentadas brincando com a areia e a terceira categoria composta por oito crianças que utilizam efetivamente o mobiliário. Apesar de realizarem atividades diferentes, ambas as atividades se complementam e contribuem para apropriação efetiva do espaço.

Durante as atividades infantis encontra-se a presença de duas mulheres e um homem na faixa de areia auxiliando as crianças nas atividades e um pouco mais afastado próximo ao banco dois, a presença de um homem e uma mulher observando as atividades das crianças a distância. Ambos estavam na posição vertical.

Figura 45: Esquema de ocupação do terceiro playground durante o final de semana no período da tarde.



Fonte: Adaptado de (SEPLAN, 2019) e (FERREIRA,2019).

A diversidade de atividades desenvolvidas nos espaços livres públicos contribui para apropriação efetiva dos locais. Nas Figuras 46 a 51, podem ser verificadas as situações iniciais observadas durante o registro de ocupação dos usuários nas áreas

de playground nos dias de terça-feira e no domingo nos turnos da manhã e da tarde respectivamente.

Figura 46: Registro inicial do primeiro playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora.

Figura 47: Registro inicial do primeiro playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora.

Figura 48: Registro inicial do segundo playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora.

Figura 49: Registro inicial do segundo playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora.

Figura 50: Registro inicial do terceiro playground durante a semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora

Figura 51: Registro inicial do terceiro playground durante o final de semana no período da manhã e da tarde respectivamente.



(a)

(b)

Fonte: a autora.

4.2 Análise visual da forma no design

4.2.1. Categorias funcionais

As funções dos mobiliários correspondem as particularidades da relação usuário e produto. Segundo Lobach (2001), os produtos possuem funções práticas, estéticas e simbólicas, que podem apresentar níveis hierárquicos de importância. Por isso, destaca-se a necessidade de se conhecer os anseios dos usuários para propor funções adequadas aos produtos que sejam condizentes com a realidade dos seus utilizadores.

A análise das funções dos produtos ocorre nos mobiliários urbanos que estão presentes nas áreas de playground do parque, são eles: gangorra; multifuncional; carrossel; minicidade; banco; lixeira e o quiosque. Observa-se no estudo a presença das funções práticas e estéticas. Já as funções simbólicas não foram constatadas nas observações, apesar da relevância do aspecto emocional que pode ser estimulado a partir da percepção dos produtos pelo usuário principalmente no que diz respeito ao público infantil.

As funções práticas buscam atender a necessidade de uso. Para os mobiliários infantis essa necessidade corresponde ao ato de brincar, cada brinquedo possui funções práticas que atendam essa necessidade, da mesma forma, ocorre para o quiosque e o banco que tem como finalidade proporcionar o descanso para seus utilizadores e a lixeira de propiciar armazenamento de resíduos.

As funções estéticas, de acordo com Lobach (2001) proporcionam bem-estar na relação pessoa produto. Suas dimensões correspondem à forma, cor, texturas de superfície e som. Nos mobiliários em análise foi possível identificar alguns desses elementos, ainda que de maneira superficial, como no caso dos bancos e quiosques, tornando-os apenas uma consequência da função prática.

Verifica-se a seguir a presença das dimensões das funções estéticas dos mobiliários dos playgrounds no Quadro 3:

Quadro 3: Dimensões estéticas dos mobiliários dos playgrounds.

MOBILIÁRIOS URBANOS		DIMENSÕES			
		Forma	Cor	Textura de superfície	Som
Gangorra		Cilíndrica Orgânica	Marrom	Madeira	-
Multifuncional		Cilíndrica Triangular Retangular Quadrangular	Marrom	Madeira	-
Carrossel		Octogonal Cilíndrica Retangular Triangular Circular	Verde Vermelho Amarelo	Metálica	-
Minicidade		Orgânica Cilíndrica Quadrangular Retangular Pentagonal	Verde Azul Vermelho Rosa	Concreto Metálica	-
Banco		Retangular	Verde Rosa	Concreto	-
Quiosque		Triangular Cilíndrica Circular Octogonal	Verde Rosa Marrom Vermelho Branco	Concreto Madeira Metálica	-
Lixeira		Cilíndrica Retangular	Verde Amarelo	Metálica	-

Fonte: Adaptado de (LOBACH, 2001).

O Quadro 3, apresenta variedade de dimensões identificadas nos mobiliários. Fator que contribui com a utilização e apropriação desses. Tornando-os referências no parque para recreação infantil. Observa-se apenas uma exceção para o aspecto de som que não foi constatado como aspecto projetual dos mobiliários.

4.2.2. Categorias de comunicação

As técnicas visuais são instrumentos da composição visual, elencados por Dondis (1997), com o objetivo de propiciar aos designers diferentes soluções em termos compositivos. Destacam-se a seguir as estratégias de comunicação visual observadas nas áreas de playground do parque e de seus elementos constituintes:

1) Simetria e assimetria: Observam-se as técnicas de simetria e assimetria ao passar uma linha central nos mobiliários urbanos. É possível identificar simetria nas tipologias de carrossel, quiosque, banco, gangorra e lixeira. Pois ambos os lados dos produtos são iguais. E assimetria nas tipologias de minicidade e multifuncional por apresentarem características formais diferenciadas em suas extremidades.

2) Economia e profusão: Percebem-se as técnicas de economia e profusão, através das unidades de comunicação visual. A presença de unidades mínimas correspondentes aos mobiliários urbanos do primeiro e segundo playground possuem características da técnica de economia por apresentar uma organização visual moderada no espaço. Já o terceiro playground apresenta uma unidade espacial valorizada visualmente, o que caracteriza a técnica de profusão.

3) Sequencialidade e acaso: Notam-se as técnicas de sequencialidade e acaso a partir da ordenação lógica dos elementos que compõem um projeto. No primeiro playground percebe-se uma ordenação sequencial das unidades correspondentes as gangorras, assim como uma relação compositiva com o mobiliário multifuncional. Implementados seguindo um padrão rítmico. Já o segundo playground apresenta desorganização e ausência de planejamento na inserção dos mobiliários de carrossel, o que corresponde à técnica de acaso.

A identificação e aplicação das técnicas no presente estudo de caso contribuem para evidenciar a necessidade de articular os mobiliários e espaços urbanos. Para sua total compreensão. A desassociação destes é inviável pois existe uma interdependência que contribuem diretamente com a mensagem que desejam expressar. Embora não exista uma comprovação de que as técnicas tenham sido

utilizadas como recurso projetual. Fica evidente que algumas estratégias foram consideradas como recurso para elaboração dos produtos ou para implementação destes no meio.

4.2.3. Categorias de investigação

O método proposto por Guedes (2005) correlaciona as diferentes escalas da cidade. Desde o produto ao espaço urbano, para apontar os seus diferentes aspectos. Através das categorias de o modo visual, qualidade da forma e configuração do meio. Dentre as variáveis de cada categoria, foram selecionadas para aplicação nas áreas infantis as modalidades de temporalidade, proporção e orientação da forma.

A variante de temporalidade foi aplicada para análise da ocupação e apropriação das crianças e seus acompanhantes nas áreas de playground do parque. Essa investigação pode ser observada no tópico intitulado: “Mapa psicogeográfico”. Foram considerados para o estudo as seguintes condições: os dias de observação, diferentes turnos e a duração dos períodos de observação.

A modalidade de proporção observa como referencial de análise os seguintes critérios: Os aspectos formais envolvidos; a relação entre os objetos em termos de dimensão e escala; o ordenamento e equilíbrio dos elementos e a integração dos objetos com o espaço no qual estão inseridos. Percebe-se nas explorações uma relação estética no que se refere a forma, a cor e a textura das superfícies entre os mobiliários infantis de cada playground. Cada área corresponde a diferentes aspectos que se relacionam entre si. Contribuindo com a diversidade estética dos elementos do parque.

Quanto à relação da dimensão e escala dos objetos, é interessante pontuar que para as crianças esse critério é diferenciado. Na escala infantil os objetos e elementos possuem proporções acentuadas que não condizem com os mesmos referenciais dos adultos. Considerando as dificuldades de investigar essa perspectiva do ponto de vista infantil devido ao distanciamento social exigido como cumprimento de medidas de segurança contra a Covid-19, observa-se como referencial para o estudo as observações e imagens de vista superior da área para o levantamento de questionamentos.

Percebe-se que ambos os playgrounds possuem mobiliários urbanos destinados ao público infantil com escala reduzida para atender as necessidades de

uso das crianças. Apenas os mobiliários do entorno como bancos, quiosques e lixeiras são padronizados para a escala dos adultos.

Vale ressaltar que entre o público infantil a considerar por faixa etária existe uma diversidade de padrões antropométricos e de desenvolvimento. Essa questão evidencia-se ao observar a utilização dos mobiliários de menor dimensão por crianças de menor faixa etária, como é o caso da minicidade, que permite o uso com uma maior facilidade. Se comparada com os mobiliários de maior dimensão que exige a presença de acompanhantes próximo aos aparelhos para auxiliar as crianças durante as atividades. Destaca-se, portanto, a importância de se considerar mobiliários que atendam as diferentes faixas etárias do público infantil como um fator predominante de uso.

O ordenamento e o equilíbrio dos elementos são observados com clareza no terceiro playground devido a centralidade do mobiliário e ocupação efetiva do espaço no qual está inserido, que se conecta plenamente com o entorno devido sua dimensão e proximidade com a pista que o circunda.

Já o segundo e primeiro playground possuem mobiliários que se “perdem” no espaço devido a sua posição, dimensão e quantidade. As áreas no qual são inseridos aparentemente tornam-se maiores e mais vazias mesmo com a presença destes. Fator que não contribui com o ordenamento e equilíbrio dos objetos e do meio no qual estão inseridos.

No segundo playground os quatro carrosséis estão distribuídos de forma a circundar a área de areia. Proporcionando um vazio central nesse espaço. No entanto, não existe nenhum padrão simétrico dimensional para implantação desses mobiliários que se encontram mal distribuídos no ambiente. Semelhantemente ocorre, no primeiro playground, com a descentralização do mobiliário multifuncional e ausência de outros equipamentos que preencham as demais áreas, desconsiderando apenas as áreas de circulação que são essenciais para o desenvolvimento de outras atividades. Como relatados anteriormente durante o registro de observações.

No que concerne a modalidade de orientação da forma, verifica-se um direcionamento predominantemente horizontal dos mobiliários urbanos das áreas de playground e dos demais elementos constituintes do parque (vegetação, gradil, muro e volumes edificados). O que possibilita um equilíbrio visual da paisagem. No entanto,

observa-se nas Figuras 52 (a), (b), (c) e (d), a transformação gradual da paisagem do entorno imediato do parque, mediante a verticalização de edificações. Que pode vir a interferir futuramente nesse direcionamento por integrar o campo visual do parque sob a perspectiva de seus transeuntes.

Figura 52: Orientação da forma dos playgrounds.



(a)



(b)



(a)



(b)

Fonte: a autora – 16/05/2021.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, estudaram-se as relações de uso e de apropriação dos usuários (crianças e seus acompanhantes) com os espaços de playground e mobiliários urbanos infantis do Parque da Criança em Campina Grande-PB. Foram realizadas no local de estudo, observações, apontamentos e registros sistemáticos das situações e vivências ocorridas durante o uso dos espaços e dos produtos do parque, para coleta de informações e posterior exploração dos dados.

Baseando-se no método de análise visual da forma urbana e da forma do design. Verificou-se nos diferentes resultados das análises a influência positiva que os espaços e mobiliários do parque exercem através da interação, uso e apropriação satisfatória. Destacam-se a seguir as considerações finais do presente trabalho contemplando os objetivos específicos estabelecidos no início da pesquisa.

Compreenderam-se os elementos que compõem a paisagem urbana do parque por meio das ferramentas de visão serial e mapa mental, concluindo que a diversidade e flexibilidade dos elementos são essenciais para utilização e apropriação do parque por diferentes públicos-alvo em dias e horários diversos.

Identificou-se a apropriação do espaço urbano infantil do parque por seus utilizadores a partir das atividades que nela são desenvolvidas por meio da ferramenta de mapa psicogeográfico, concluindo que existe interação, utilização e apropriação satisfatória das áreas de playground.

Identificaram-se os mobiliários urbanos do parque que são utilizados por crianças e seus acompanhantes por meio das ferramentas de mapa mental e categorias funcionais, concluindo que existe pouca diversidade, quantidade e qualidade para atender as demandas dos usuários.

Investigaram-se os atributos que o mobiliário urbano infantil exerce para construção da paisagem do parque por meio das ferramentas de mapa psicogeográfico, categorias funcionais, de comunicação e investigação, concluindo que os mobiliários são efetivos atrativos para utilização dos espaços infantis, incentivando as interações sociais entre as pessoas e o ambiente.

Tendo em vista os aspectos observados no estudo, constata-se a importância dos mobiliários urbanos e dos espaços livres infantis do Parque da Criança para seus

utilizadores como fonte efetiva de lazer e recreação que contribuem diretamente com o bem-estar e qualidade de vida dos seus usuários.

Infere-se, portanto, que existe apropriação destes, devido a interação satisfatória apresentada entre os usuários e os elementos constituintes do espaço público, apesar dos problemas identificados como: 1) Déficit de mobiliários urbanos nas áreas infantis (quantidade e diversidade) para atender a alta demanda de usuários nos dias de maior movimentação; 2) Interferência externa e interna de adultos durante o desenvolvimento das atividades recreativas nos mobiliários. Influenciando negativamente na sua utilização por crianças; 3) Preferência por horários, provocando a escassez de usuários em determinadas ocasiões; 4) Composição visual desordenada na implantação dos mobiliários urbanos nas áreas infantis; 5) A ausência de mobiliários urbanos acessíveis; 6) Escala dos mobiliários infantis por setor que não considerem as diversidades do desenvolvimento infantil correspondente a cada faixa etária; 7) Produtos urbanos insuficientes para comportar e abrigar os usuários das condições climáticas intensas; e 8) Qualificação superficial, principalmente dos objetos de descanso, por meio, do domínio da função prática em detrimento da função estética.

Dentre os fatores para bem-sucedida relação pessoa, ambiente e produto, destaca-se: 1) A integração do parque com o seu entorno imediato, mediante a diversidade de acessos e a utilização de divisórias permeáveis em determinadas extensões que permite a visualização interna e externa dos espaços por seus transeuntes, proporcionando a sensação de segurança entre os usuários colaborando diretamente com o seu uso; 2) A adaptabilidade dos componentes integrantes do parque (mobiliários, vegetação e objetos edificadas) as necessidades dos usuários, quando utilizados em uma função até então não prevista anteriormente. A exemplo dos mobiliários de ginástica para atividades recreativas infantis e as escadarias para desenvolvimento de atividades físicas, conseqüentemente ampliando as possibilidades de uso e de permanência das pessoas nesses ambientes; 3) A flexibilidade dos espaços livres, no que diz respeito a passagem e permanência das pessoas. Através de uma alta permeabilidade de percursos que envolvem todo o parque possibilitando a presença dos usuários em vários setores e o desenvolvimento de atividades livres e variadas nas áreas ajardinadas, de areia ou cobertas de revestimento. A depender das necessidades do público-alvo presente no local; 4) A

paisagem atrativa para o registro fotográfico dos usuários em suas vivências, através de ambientes e mobiliários convidativos que proporcionam uma experiência agradável de uso. A qualificação desses incentiva a prática de tirar fotos e contribui diretamente com a sua apropriação; 5) A variedade de ambientes e mobiliários infantis, que estimulam a circulação dos usuários através de uma dinâmica constante de experimentação dos locais e produtos; 6) A existência de mobiliários urbanos nas áreas infantis que acolhem os acompanhantes das crianças. Proporcionando abrigo e descanso durante as observações das atividades realizadas; e 7) A presença de árvores de grande copa em determinados locais de passagem e permanência, que proporcionam sombreamento e conseqüentemente estimulam o uso dos espaços e produtos em variados horários do dia.

Considerando a importância da associação das temáticas do desenho urbano e do design urbano para plena compreensão do estudo do parque. Conclui-se que os mobiliários urbanos atuam como consolidados atrativos para o desenvolvimento da vida pública nos espaços urbanos e que apesar de possuírem determinadas falhas projetuais identificadas tanto em sua composição estrutural quanto na sua implementação. Conseguem suprir, ainda que de forma geral, as necessidades e anseios das crianças e de seus acompanhantes. De modo que, se novas soluções e estratégias fossem efetuadas, o nível de eficiência do parque e satisfação dos usuários, assim como o seu uso e apropriação poderia ser facilmente ampliado. Além de contribuir como modelo a ser seguido para criação e reformas de novos espaços livres de lazer destinados ao público infantil da região. Dessa forma, o presente trabalho contribui com a disseminação da relevância da temática dos espaços livres e mobiliários urbanos qualificados para melhoria da qualidade de vida da sociedade.

5.1 Sugestões para trabalhos futuros

Como sugestões para possíveis trabalhos, podem-se citar.

- a) Desenvolver uma revisão sistemática da literatura: Conceituação, produção e publicação sobre o papel do design urbano para as cidades.
- b) Analisar as diferenças existentes entre as áreas de atuação do design urbano e do desenho urbano.
- c) Elaborar diretrizes projetuais para a produção de mobiliários urbanos com múltiplas funções.

- d) Investigar procedimentos para o planejamento adequado de espaços e mobiliários urbanos infantis acessíveis.
- e) Verificar as necessidades correspondentes a cada etapa do desenvolvimento das crianças ao utilizar os mobiliários urbanos infantis.
- f) Avaliar a percepção dos usuários quando utilizam as áreas de playground de parques urbanos.
- g) Avaliar a interferência dos adultos durante a utilização das crianças nos mobiliários urbanos infantis de uso coletivo.
- h) Averiguar as interações que ocorrem entre os usuários nas áreas de playgrounds de parques urbanos que implementam setores com mobiliários urbanos infantis específicos para determinada faixa etária e setores para várias faixas etárias.

5.2 Sugestões direcionadas para outras áreas da cidade

Os parques urbanos são recortes da cidade em que as pessoas podem ser felizes, para estender essa sensação para os demais locais da cidade consideram-se os principais pontos positivos observados no Parque da Criança como sugestões para melhorar a qualidade dos espaços urbanos, podem-se citar.

- a) A criação de espaços destinados para a prática de diferentes tipos de exercícios físicos que considerem os mais variados públicos-alvo.
- b) A elaboração de ambientes atrativos, conectados com a natureza e que estimulem a permanência e a contemplação da paisagem.
- c) A implementação de espaços livres flexíveis sem definição de atividades que permitam o uso e a apropriação de diferentes formas.
- d) A instalação de mobiliários urbanos que proporcionem conforto, segurança e eficiência aos seus usuários.
- e) A criação de áreas de playground que considerem as necessidades das crianças e de seus cuidadores.
- f) A produção de ambientes para o desenvolvimento de atividades comerciais fixas e ambulantes.

6. REFERÊNCIAS

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, p. 161. 2020.

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9283: mobiliário urbano - classificação. Rio de Janeiro, p. 5. 1986.

ADRIANO, J.R; WERNECK, G.A.F; SANTOS, M.A; SOUZA, R.C. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n.1, p.53-62, 2000.

ALBUQUERQUE, D.S; AMANCIO, D.A.R; GUNTHERA, I.A; HIGUCHI, M.I.G. Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. **Psicologia USP**, São Paulo, v.29, n.3, p.442-450, 2018.

ARAUJO, G.M; VILLA, S.B. A relação entre bem-estar e resiliência na habitação social: um estudo sobre os impactos existentes. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.20, n.3, p.141-163, 2020.

ARAÚJO; N.M; BARRETO, C.G. Usos e funções dos parques urbanos: Percepções sobre o parque ecológico Asa Sul, Brasília, Brasil. **Espaço & Geografia**, Brasília, v.23, n.2, p.162-179, 2020.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: Uma psicologia da visão criadora**. 1 ed. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2005. 516p.

ASSIS, D.M.S; TAVARES-MARTINS, A.C.C.; BELTRÃO, N.E.S; SARMENTO, P.S.M. Percepção ambiental em comunidades tradicionais: um estudo na Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil. **Revista Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v.23, p.1-19, 2020.

BALLESTE, S; NAOUMOVA, N. Aspectos indicadores de qualidade ambiental nos espaços abertos de jardins zoológicos: estudo de percepção no Parque Zoológico da FZB/RS. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.19, n.4, p.79-94, out./dez. 2019.

BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Imagem, paisagem e situação: uma apreensão do design na cidade**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020. 157p.

BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Imagem, paisagem e situação: análise visual da orla da praia de Boa Viagem**. 2010. 201f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BOVO, M.C; AYRES, A.C.B.F. O parque urbano da cidade de Mamborê/PR, Brasil: Usos e funções. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.19, n.67, p.1-16, 2018.

BRANDÃO, Pedro. **Ética e profissões, no Design urbano. Convicção, responsabilidade e interdisciplinaridade. Traços da Identidade Profissional no Desenho da Cidade**. 2005. 326f. Tese (Doutorado em espaço público e regeneração urbana: arte e sociedade) Universidade de Barcelona, Barcelona, 2005.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Seção 1, p. 1.

Brinquedos avulsos. **Mobilebras**. Disponível em: <https://mobilebras.com.br/linha/brinquedos-avulsos/>. Acesso em: 15 julho. 2021.

BURDEK, Bernhard E. **Design**. História, Teoria e Prática do Design de Produtos. 1 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006. 500p.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 3 ed. São Paulo: Blucher, 2008. 276p.

CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve. **Urban design reader**. 1 ed. Oxford: Architectural Press, 2007. 384p.

CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. 1 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 320p.

COLCHETE FILHO, A, F; COSTA, L, M, S, A; GIESE, J, V; JESUS, K, D; COSTA, F, A. Porto Maravilha e sua nova centralidade: As contribuições do mobiliário urbano e da arte pública para a ressignificação da área. **Oculum Ensaios**, Campinas, v.17, p. 1-18, 2020.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1.ed. Lisboa: Edições 70, 2008. 208p.

CUSTÓDIO, Vanderli et al. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. **Revista Geográfica de América Central**, San Pedro, v. 2, n. 47 E, p.1-31, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2201>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONDIS, Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 248p.

ELRAHMAN, A.S.A; ASAAD, M. N. Urban design e urban planning: A critical analysis to the theoretical relationship gap. **Ain Shams Engineering Journal**, Cairo, v.12, n.1, p.1163-1173, 2021.

FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini. **Conflitos e Convergências da Geografia** 2. 1 ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. 256p.

FORQUIN, J. C. **Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações**. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações, São Paulo, SESC, outubro de 2003.

FUJIMORI, E; OHARA, C, V. **Enfermagem e a Saúde da Criança na Atenção Básica**. 1 ed. Barueri: Manole, 2009. 566p.

GERACIONAL. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 28/01/2022.

GERMER, Ingo Cescatto. **Avaliação do mobiliário urbano de Bauru- SP: Uma contribuição do Design**. 2021. 139f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

GIFFORD, Robert. O papel da Psicologia Ambiental na formação da Política Ambiental e na construção do futuro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 237-47, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONÇALVES JR, A.J; SANT'ANNA, A; CARSTENS, F.R.S.B; FLEITH, R.L. **O que é o urbanismo**. 1 ed. ebook .Tatuapé: Editora Brasiliense, 2017.

GUEDES, João Batista. **Design no Urbano: metodologia de análise visual de equipamentos no meio urbano**. 2005. 375f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HANCOCK, T. The evolution, impact and significance of the healthy cities/healthy communities movement. **Journal of Public Health Policy**, 14(1):5-18, 1993.

HANNES, Evy. Espaços abertos e espaços livres: Um estudo de tipologias. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 37, p. 121-144, jun. 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 160p.

KURIS, Gabriel. Reconstructing a City in the Interests of its Children: Tirana, Albania, 2015 – 2019. **Innovations for Successful Societies**, 2019. Disponível em: <<https://successfulsocieties.princeton.edu/publications/reconstructing-city-interests-its-children-tirana-albania-2015-%E2%80%93-2019>>. Acesso em: 5 jan. 2022.

LABOREAL. **Bem-estar**. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt/pt/dictionary/?letter=B>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, 240p.

LOBACH, Berndt. **Design Industrial: Bases para configuração dos produtos industriais**. 1 ed. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2001. 208p.

MACEDO, S.S.; SAKATA, F.G. **Parques urbanos no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. 218p.

MACEDO, Silvio. Espaços livres. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 7, p. 15-56, jun. 1995.

MACHADO; Y.S; SCHUBERT, P.M.P; ALBUQUERQUE; D.S; KUHNEM; A. Brincadeiras Infantis e Natureza: Investigação da Interação Criança-Natureza em Parques Verdes Urbanos. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.24, n.2, p.655-667, 2016.

MAGALHÃES, Maria João Veloso. **Design de equipamento lúdico para o espaço urbano: Interação adulto-criança nos parques infantis**. 2014. 245f. Dissertação

(Mestrado em Design de produto) – Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

MAGNOLI, Miranda. Em busca de “outros” espaços livres de edificação. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 21, p. 141-174, jun. 2006.

MAGNOLI, Miranda. Espaço livre - objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 21, p. 175-198, jun. 2006.

Matérias especiais perfil das crianças do Brasil. **IBGE educa**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html>. Acesso em: 01 julho. 2021.

MENESES, A.R.S. MONTEIRO, M.M.M. LIMA, W.N. BARBOSA, R.V.R. Cidades saudáveis: o acesso equitativo a parques urbanos como promoção da saúde. **The Journal of Engineering and Exact Sciences**, v.7, n.1, p.1-14, 2021.

MIGLIANE, Audrey. A escala das crianças: breve histórico sobre mobiliários infantis. **ArchDaily Brasil**, 20 nov. 2020. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/949723/escala-humana-para-criancas-um-historico-sobre-mobiliarios-infantis> >. Acesso em 29 dez. 2021.

MIRANDA; A.E. Memória coletiva e valor histórico no mobiliário urbano. **Patrimônio e Memória**, Assis, v.6, n.2, p.244-265, 2020.

MONTENEGRO, Glielson Nepomuceno. **Uma cidade para pessoas: funcionalidade, racionalidade e emotividade nas relações mobiliário urbano, espaço público e cidadãos**. 2014. 348f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

ROSANELI, A.F; FRÓES, A.C.S; FURLAN, D.L.S; GONÇALVES, F.T; SENGER, S. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 8, n.3, p.359-374, 2016.

SADLER, Simon. **The Situationist City**. 1 ed. Cambridge: Mit Press, 1999. 248p.

SANTANA, V; GONDIM, S. Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, n. 1, p. 58-68, jan. 2016.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa**: Guia para pós-graduandos em design e áreas afins. Curitiba: Insight, 2018. 230 p.

SILVA, E; ELALI, G. O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 382-396, jul. 2015. Disponível em: < http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/Ribeiro%20da%20Silva,%20Elali >. Acesso em: 27 mai. 2020.

SILVA, G. R; DIAS, C.C. Indexação de fotografias a partir da “Mirada”: análise de diferentes pontos de vistas acerca de uma fotografia. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, v.44, n.1, p.87-94, 2021.

SPERANDIO, A.M.G et al. Ambiente urbano como promotor da saúde: aplicação do Índice de Bem-Estar Urbano na cidade de Conchal-SP, Brasil. **ARQUISUR Revista**, Santa Fe, v.5, n.8, p.164-177, 2015.

TEIXEIRA, M. F. I. M. Conceitos contemporâneos sobre planejamento urbano, desenho urbano e sua relação. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.20, n.26, p. 75-93, 1º sem. 2013.

VIEIRA, Andrea de Brito Stefanelli. **Mobiliário urbano no espaço público para o lazer infantil: Uma reflexão no contexto da “academia da primeira idade” na cidade de São Paulo**. 2018. 253f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

VIEIRA, V.G; TAQUINI, R; AUER, F; PINHEIRO, L.F.M; ARAÚJO, V.C. O que as crianças nos contam sobre a cidade? Interloquções entre infâncias, educação infantil e cidades. **Research, Society and Development**, v.10, n.7, p.1-16, 2021.

WESTPHAL, M.F; MENDES, R. Cidade saudável: uma experiência de interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Revista de administração pública**, Rio de Janeiro, v.34, n.6, p.47-61, 2000. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6347> >. Acesso em: 25 fev. 2021.

ZACARIAS, E.F.J; HIGUCHI, M.I.G. Relação pessoa-ambiente: caminhos para uma vida sustentável. **Interações**, Campo Grande, v.18, n.3, p.121-129, 2017.